

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS AVANÇADO GOVERNADOR VALADARES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA VIDA – ICV
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA**

Laura Telles Medeiros

**Educação sexual no ensino de Biologia e prevenção da gravidez na
adolescência: ouvindo estudantes e falando para professores e professoras**

Governador Valadares

2020

Laura Telles Medeiros

**Educação sexual no ensino de Biologia e prevenção da gravidez na
adolescência:** ouvindo estudantes e falando para professores e professoras

Dissertação apresentada ao Programa Nacional de Mestrado em Biologia (PROFBIO) da Universidade Federal de Juiz de Fora, *campus* Governador Valadares (instituição associada), e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG – Instituição sede), pertencente ao Macroprojeto "Educação em Biologia para melhoria da Saúde".

Orientadora: Professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho.

Governador Valadares

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Medeiros, Laura Telles .

Educação sexual no ensino de Biologia e prevenção da gravidez na adolescência: : ouvindo estudantes e falando para professores e professoras / Laura Telles Medeiros. -- 2020.

132 f.

Orientadora: Maria Gabriela Parenti Bicalho

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares, Instituto de Ciências da Vida - ICV. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biologia em Rede Nacional, 2020.

1. Ensino de Biologia. 2. Educação sexual. 3. Gravidez na adolescência. 4. Sexualidade. 5. Adolescência. I. Bicalho, Maria Gabriela Parenti , orient. II. Título.

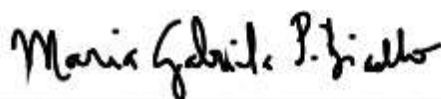
Laura Telles Medeiros

Educação sexual no ensino de Biologia e prevenção da gravidez na adolescência: ouvindo estudantes e falando para professores e professoras

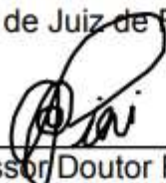
Dissertação apresentada ao Programa Nacional de Mestrado em Biologia (PROFBIO) da Universidade Federal de Juiz de Fora, *campus* Governador Valadares (instituição associada), e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG – Instituição sede), pertencente ao Macroprojeto "Educação em Biologia para melhoria da Saúde".

Aprovada em 29 de outubro de 2020

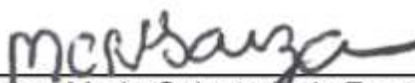
BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora – *campus* Governador Valadares



Professor Doutor Fábio Alessandro Pieri
Universidade Federal de Juiz de Fora – *campus* Governador Valadares



Professora Doutora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Dedico este trabalho ao meu filho Lucca, que é meu motivo de perseverança e luta por dias melhores, à minha mãe Sônia, fonte infinita de amor e acolhimento e aos meus irmãos Diogo e Cássia, pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por estar sempre comigo, me iluminando e protegendo. Obrigada “papai do céu” por me conduzir em segurança, por me abençoar em cada quilômetro percorrido, nas idas pela madrugada e nas voltas ao anoitecer, em busca da concretização deste sonho.

Agradeço à minha família, meu porto seguro.

À minha mãezinha Sônia, seu amor incondicional, força, honestidade e delicadeza são os faróis que norteiam a minha vida. Obrigada mãe, por todas as orações, pelos sorrisos e abraços aconchegantes ao me receber em casa.

Ao meu amado pai Lauro, *in memoriam*, além de carregar seu nome, carrego sempre comigo sua alegria, espontaneidade e simplicidade em enxergar a vida.

Aos meus irmãos Diogo e Cássia, obrigada pelo companheirismo e vibração positiva. Sou privilegiada em tê-los como irmãos, somos uns pelos outros, sempre.

Ao meu filho Lucca, meu “olhinho de jabuticaba”, obrigada por me proporcionar a dádiva de ser mãe, seu amor me impulsiona a ser uma pessoa melhor e buscar um mundo mais justo.

Ao meu namorado Luan, por sua paciência, compreensão, por acreditar em nosso relacionamento, por ser meu companheiro, incentivador e me transmitir paz e aconchego.

Aos amigos que fiz na jornada do PROFBIO, aos meus colegas de turma e aos professores inspiradores, em especial à minha orientadora Professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho, obrigada pela confiança, pelos conselhos, apoio e ensinamentos.

Aos meus alunos e alunas, por todas as trocas estabelecidas em nossas aulas, com vocês aprendo a cada dia e por vocês persisto em minha profissão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RELATO DA ALUNA

Sou filha de professora alfabetizadora, cresci cercada de livros e encantada pelo mundo das letras e dos números. Na infância, “brincar de aulinha” era meu passatempo preferido. À medida que cresci e conheci mais sobre o mundo, me identifiquei com muitas profissões, já desejei ser bailarina, pintora, astróloga, médica, apresentadora de TV e cientista, mas sem dúvida nenhuma onde eu me sentia mais à vontade era no comando de minha sala de aula imaginária, e na busca de minha missão na vida, consegui encontrar meu caminho - me descobri educadora.

Na Faculdade escolhi o caminho da Biologia, sempre fui fascinada pela natureza e por todos os fenômenos que envolvem a vida. Fiz especialização em Gestão Ambiental, meu sonho era me especializar cada vez mais, mas então veio o casamento, o filho... E o desejo de fazer um mestrado foi adiado...

Nesse ano completo 18 anos atuando profissionalmente naquilo que na infância era minha brincadeira preferida. Atualmente leciono Ciências e Biologia em dois cargos na rede pública estadual de Minas Gerais e um cargo na rede privada.

Em 2018, tive a oportunidade de realizar um dos meus sonhos profissionais, comecei a cursar pela UFJF/GV o PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, um curso destinado aos professores de Biologia com uma abordagem de ensino investigativa.

Ao escolher o tema para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) busquei por uma inquietação enquanto professora ao observar o gradativo aumento, nos últimos anos, do número de alunas adolescentes grávidas. É perceptível como esse período é difícil para elas, enfrentam muitos dilemas, dentre eles o emocional e o financeiro. Essas adolescentes nem sempre recebem o apoio de sua família e do pai da criança, que em algumas situações também é um adolescente e não tem maturidade adequada para lidar com o assunto. Essa situação sempre me preocupou bastante, visto que muitos desses meninos e meninas não retornam para a escola depois que o bebê nasce.

Observo que os temas ligados à educação sexual, como sistema reprodutor, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre outros, despertam o interesse dos (as) estudantes, tanto nas aulas de Biologia do Ensino Médio quanto nas aulas de Ciências do Ensino Fundamental.

Considerando esse interesse, sempre me indaguei sobre os motivos que levam as minhas alunas adolescentes, mesmo a par das informações ministradas nas aulas, a engravidarem nessa fase de suas vidas, ou meus alunos adolescentes a se tornarem pais, ambos precisando interromper os estudos e passando dificuldades financeiras e emocionais para criar o filho ou filha.

A gravidez não é a única preocupação relevante quando abordamos a sexualidade, mas sempre me mobilizou, despertando uma sensação de inquietação, que me incentiva a buscar caminhos para minha atuação como professora.

Portanto, minha escolha para o desenvolvimento do TCM não poderia ter sido outra. Com a orientação da professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho, iniciei um estudo cujo objetivo geral era elaborar um e-book, destinado aos professores e professoras de Biologia, a partir da avaliação de estudantes do segundo ano do Ensino Médio de uma escola do município de Manhumirim – MG, sobre a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

Através do PROFBIO, pude me reinventar como professora, ganhar mais fôlego, prosseguir em minha jornada de educadora com mais entusiasmo.

PROFBIO... Gratidão!

O Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
— vestida apenas com o teu desejo!

(QUINTANA, 1984)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de mestrado insere-se nos estudos sobre a educação de adolescentes e jovens. Aborda a educação sexual no ensino de Biologia, considerando a pluralidade das formas de ser jovem e adolescente. Baseia-se em uma investigação que buscou analisar a maneira como estudantes do segundo ano do Ensino Médio de uma escola do município de Manhumirim - MG avaliam a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência. As conclusões da pesquisa fundamentaram a elaboração de um *e-book* destinado a professores e professoras de Biologia. A escolha da temática justifica-se pela preocupação com o elevado número de casos de gravidez na adolescência, presente em documentos de órgãos governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais. O referencial teórico adotado para fundamentar a discussão do tema apoia-se em estudos das áreas da sociologia da juventude, educação dialógica, sexualidade e gênero. A pesquisa foi de tipo qualitativo, e a coleta de dados por meio do Grupo Focal. Os dados coletados apontam para a necessidade de uma educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, que permita aos jovens, independente do gênero, fazer escolhas críticas e conscientes sobre seu futuro e o pleno desenvolvimento de sua sexualidade. O *e-book*, intitulado Educação sexual: possível? apresenta os caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, as reflexões geradas a partir da análise de resultados e sugestões didáticas sobre educação sexual.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescência. Juventude. Ensino de Biologia. Educação sexual. Gravidez na adolescência.

ABSTRACT

The present master's dissertation is part of studies on the education of adolescents and young people. It approaches sex education in the teaching of Biology, considering the plurality of ways of being young and adolescent. It is based on an investigation that sought to analyze the way in the second year of high school students from a school in the municipality of Manhumirim - MG, evaluate the contribution of Biology teaching to the prevention of teenage pregnancy. The research findings supported the development of an e-book for Biology teachers and professors. The choice of the theme is justified by the concern with the high number of teenage pregnancy cases, present in documents from governmental and non-governmental bodies, national and international. The theoretical framework adopted to support the discussion of the theme is supported by studies in the areas of youth sociology, dialogical education, sexuality and gender. The research was of a qualitative type, and data collection through the Focus Group. The data collected point to the need for comprehensive sexuality education, based on dialogue and the positive construction of sexuality, which allows young people, regardless of gender, to make critical and conscious choices about their future and the full development of their sexuality. The e-book, entitled Sex education: possible? presents the methodological paths taken during the research, the reflections generated from the analysis of results and didactic suggestions about sex education.

Keywords: Sexuality. Adolescence. Youth. Biology teaching. Sex education. Teenage pregnancy.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Nações Unidas do Brasil
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNFPA	Fundo de Populações das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: CATEGORIAS PLURAIS.....	14
2.2	GRAVIDEZ PRECOCE... INDESEJADA?.....	15
2.3	EDUCAÇÃO SEXUAL: POSSÍVEL?.....	18
2.4	EDUCAÇÃO SEXUAL ABRANGENTE, PAUTADA NO DIÁLOGO E NA CONSTRUÇÃO POSITIVA DA SEXUALIDADE.....	20
3	OBJETIVO GERAL.....	23
3.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	23
4	METODOLOGIA.....	24
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
5.1	ENTENDIMENTO SOBRE O QUE É SEXUALIDADE.....	27
5.2	A RESPONSABILIDADE DE EDUCAR SEXUALMENTE E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	28
5.3	O DIÁLOGO ESCOLAR SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.....	31
5.4	PERCEPÇÕES SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	32
5.5	CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE BIOLOGIA PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	36
5.6	PRODUTO EDUCACIONAL: <i>E-BOOK</i>	40
7	CONCLUSÃO.....	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
	APÊNDICE A – Roteiro dos grupos focais.....	48
	APÊNDICE B – <i>e-book</i> – Educação sexual: possível?.....	49
	ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	121
	ANEXO B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	124
	ANEXO C - Parecer do Comitê de Ética.....	127

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre juventude e adolescência demanda, além das definições cronológicas, a consideração da heterogeneidade e pluralidade dessas categorias, e, a análise do cenário político e histórico em que estão inseridas. Desta forma, aspectos relativos a gênero, camada social, raça, habitação, educação, saúde, entre outros, compõem a compreensão das formas de ser jovem e adolescente. O presente trabalho considera “adolescências” e “juventudes” em seus respectivos plurais, buscando abranger a diversidade de sentidos que essas denominações podem implicar, e enfoca, entre as diferentes discussões relativas a esses conceitos, a questão da sexualidade e sua abordagem no ensino da Biologia no Ensino Médio.

Sexualidade é uma expressão abrangente que não se reduz à relação sexual, envolve ideias, anseios, visões de mundo e aspectos identitários. Pretende-se neste trabalho abordar a sexualidade como construção sociocultural, que não pode ser analisada sem a consideração das relações de gênero e das relações intergeracionais.

Verifica-se, nos últimos anos, em vários setores da sociedade, uma preocupação crescente com a sexualidade adolescente, fundamentada, entre outras questões, no elevado número de casos de gravidez na adolescência, recorte adotado na presente pesquisa. Atualmente, a gravidez na adolescência é considerada precoce por diferentes campos de conhecimento nas áreas da saúde e da educação. O impacto de uma gravidez pode ser grande na vida de uma adolescente, trazendo riscos para sua saúde, além de prejuízos na esfera social e econômica. A gravidez pode comprometer os estudos e conseqüentemente o futuro profissional da adolescente, reduzindo sua autonomia e a capacidade de deliberar sobre sua vida. Assim como a sexualidade e as categorias adolescência e juventude, a gravidez na adolescência deve ser entendida como um fenômeno social.

A educação sexual se preocupa em instruir jovens e adolescentes para o exercício prudente de sua sexualidade, levando-os a adquirir conhecimentos para o cuidado responsável de sua saúde, evitando, por exemplo, gravidez indesejada ou infecções sexualmente transmissíveis. Entretanto, a educação sexual ainda é tema polêmico, considerada por alguns grupos sociais atualmente influentes no contexto

educacional brasileiro como estímulo para a atividade sexual. Constitui, portanto, um grande desafio para a gestão educacional e para a docência.

Entendendo a sexualidade como parte fundamental da vida e considerando que as propostas educativas voltadas para a adolescência e juventude devem considerar a pluralidade e a diversidade de aspectos envolvidos nessa etapa da vida, este trabalho pretende contribuir para sua compreensão através da elaboração de um *e-book*, destinado aos professores e professoras de Biologia, a partir da avaliação de estudantes do segundo ano do Ensino Médio de uma escola do município de Manhumirim – MG, sobre a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

A partir da análise dos resultados obtidos nos grupos focais e pesquisa bibliográfica realizada, verifica-se a necessidade de uma educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, que permita aos jovens, independente do gênero, fazer escolhas críticas e conscientes sobre seu futuro e o pleno desenvolvimento de sua sexualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: CATEGORIAS PLURAIS

As definições dos termos adolescência e juventude por vezes sobrepõem-se, ainda que sejam conceitos distintos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), disposto na Lei 8.069 de 1990, (Brasil, 2010), a adolescência é o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade e para a Organização Mundial de Saúde (OMS), juventude é o período considerado como preparatório para o jovem apropriar-se do posto de adulto, compreendido entre a faixa etária de 15 e 24 anos de idade (OPAS, 1985).

Segundo Dayrell (2016), é fundamental para os educadores e educadoras construir uma percepção de juventude que os (as) auxilie a lidar com os (as) jovens de seu cotidiano. O autor propõe a ideia de adolescência como um período inicial de uma etapa mais extensa que é a juventude, ressaltando a importância de se considerar as particularidades apresentadas em cada etapa.

A juventude começa a partir da adolescência, frisada pelas modificações nas esferas biológicas, psicológicas e sociais manifestadas nesse período, “é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação” (DAYRELL, 2016, p.26), sob uma perspectiva pode abranger modificações comuns a indivíduos de certo intervalo de idade e, sob outra perspectiva, remete às construções sociais e históricas relativas a esse período de vida. Portanto, quando nos referimos às categorias juventude e adolescência, precisamos ter em mente a sua diversidade e pluralidade, motivo pelo qual definições unicamente cronológicas demonstram-se insuficientes.

A juventude não deve ser entendida como uma fase com um final estabelecido, servindo de preparação para outra que virá, e sim na perspectiva da diversidade, como parte de um mecanismo mais complexo que ganha especificidades de acordo com as vivências sociais e não está fixa a padrões específicos (DAYRELL, 2016). A juventude é, portanto, uma categoria plural, sendo possíveis muitas maneiras de ser jovem, as quais, à medida que são construídas, indagam os modelos de juventude existentes.

A mesma perspectiva de diversidade deve ser utilizada para compreensão da adolescência. Santos *et al.* (2017) afirmam que as circunstâncias

de sua vivência social devem ser acrescidas a sua natureza biológica. Ainda que exista uma faixa etária que englobe determinadas características, a adolescência não pode ser caracterizada de forma global, com regras que abranjam a todos indistintamente. Por essa razão, e a fim de abranger todas as formas de viver dessa categoria, fala-se em “adolescências”.

Assim, os (as) estudantes participantes da pesquisa apresentada neste trabalho, que se encontram na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade, estão vivenciando adolescências e juventudes marcadas por experiências individuais e coletivas de organização familiar, escolarização, sexualidade, relações de amizade, entre outros aspectos relativos a seus contextos históricos.

2.2 GRAVIDEZ PRECOCE... INDESEJADA?

De acordo com dados divulgados pela página virtual das Nações Unidas no Brasil “a taxa mundial de gravidez adolescente é estimada em 46 nascimentos para cada 1 mil meninas entre 15 e 19 anos. (...) No Brasil a taxa é de 68,4 nascimentos para cada 1 mil adolescentes” (ONU BR, 2018).

Segundo o Ministério da Saúde, a gravidez na adolescência se tornou um assunto imprescindível para debates e foco de políticas públicas mundiais nos últimos 20 anos. No período de 2004 a 2015 houve uma redução de 17% no número de casos: “em números absolutos a redução foi de 661.290 nascidos vivos de mães entre 10 e 19 anos em 2004 para 546.529 em 2015” (BRASIL, 2017).

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE (2014), as características de adolescentes na faixa etária entre 15 a 19 anos, com pelo menos um filho em 2014 eram: 69% de cor/raça negra (preta ou parda); 59,7% não estudavam nem trabalhavam; 92,5% dedicavam aos serviços do lar; 34,2% moravam com o pai da criança; 37,2% moravam com a família na condição de filha e 35,8% viviam no Nordeste do Brasil.

Segundo a (UNFPA, 2013), os processos de registros de dados sobre nascimentos coletam informações insuficientes sobre gravidez na adolescência. Os processos de coleta de informações se dão sobre nascimentos e não sobre gestações. As gestações nem sempre são mencionadas nos dados estatísticos oficiais, algumas são interrompidas antes mesmo da menina ter consciência sobre o fato. Muitas vezes, as adolescentes não procuram ou não tem acesso aos cuidados

de saúde, como as consultas pré-natais, dificultando o conhecimento das entidades de saúde responsáveis. Os abortos espontâneos ou induzidos também não constam na maioria dos registros oficiais. Portanto, os índices de gravidez na adolescência podem ser maiores que os coletados.

A gravidez na adolescência é uma das eventualidades na vida de moças e rapazes, assumindo sentidos diversificados de acordo com a posição concedida pela sociedade ao adolescente, em determinada época (SANTOS *et al.*, 2017). Dessa forma, assim como as categorias adolescência e juventude, a gravidez na adolescência pode ser conceituada como um fenômeno social. De acordo com os autores, tornar-se mãe ou pai, na faixa etária entre 14 e 19 anos de idade, para os adolescentes das gerações nascidas em 1920 e 1930, era socialmente considerado normal, visto que por ser um fenômeno social, a maternidade ou paternidade e todos os seus encadeamentos são construídos socialmente no decorrer do tempo e espaço histórico.

Hoje, a compreensão que temos sobre a gravidez na adolescência se enquadra nas expectativas de vida dos tempos atuais sendo esperado que os (as) jovens amadureçam, completem os estudos, exerçam um trabalho para seu sustento e só depois constituam sua própria família.

Os períodos de gestação e puerpério envolvem situações de angústia e incerteza. As adolescentes vivenciam modificações corporais, emocionais e sociais (MAGNABOSCO; LORSCHIEDER, 2016). Ambas as fases são períodos de importantes transformações e, associadas, acentuam os conflitos, gerando grandes desafios.

Dentre os desafios vividos pelas adolescentes gestantes, sob a perspectiva médica, destacam-se: aborto, hipertensão, eclampsia, trabalho de parto prematuro, complicações obstétricas, depressão pós-parto, entre outros. Sob a perspectiva social, destacam-se: vulnerabilidade, abandono escolar, pobreza, encaminhamento precoce ao mercado de trabalho, entre outros (SANTOS *et al.*, 2017).

Há mais de uma década, a preocupação com relação ao grande número de casos de gravidez na adolescência era destacada por Dadoorian (2003). Segundo a autora, a literatura justificava o fato pelas transformações sociais que possibilitavam maior liberdade sexual, mas não garantiam o aumento do conhecimento preventivo pelos (as) jovens, ou seja, por desconhecimento de

informações sobre o uso dos métodos contraceptivos. Dessa maneira a gravidez na adolescência passou a ser considerada pelos profissionais de saúde como indesejada, um problema cuja solução adviria de programas de informação sexual. Contudo, essa perspectiva é insuficiente para complexidade do tema.

Muitos estudos interligam os problemas de saúde relacionados à gravidez na adolescência à condição socioeconômica precária em que se encontram essas adolescentes, boa parte delas se situa em condição de pobreza, o que se associa às situações inadequadas de nutrição, moradia, higiene e pouca formação educacional. (MAGNABOSCO; LORSCHIEDER, 2016; SANTOS *et al.*, 2017).

Esse cenário é evidenciado através do relatório sobre a maternidade precoce divulgado pela UNFPA (2013), documento que relata que a propensão em engravidar, em todo o mundo, é maior para meninas economicamente carentes, com menor escolaridade e moradoras rurais do que para as meninas economicamente mais favorecidas, com maior escolaridade e moradoras urbanas. Também se encaixam nesse grupo, as meninas que não possuem muitas opções na vida, oriundas de grupos excluídos ou minorias étnicas, que não dispõem de serviços de saúde sexual e reprodutiva.

Em várias pesquisas enfatizadas nos relatos de gestantes adolescentes, é possível perceber que engravidar não estava em seus planos, porém, mesmo não sendo planejado, é comum relatarem que se encontram felizes com a possibilidade de experimentar a maternidade e que desejam o filho ou filha, mesmo levando em consideração as circunstâncias críticas que essa situação lhes impõe, como ter que deixar a escola ou transferir os estudos para depois, ausência de independência econômica, entre outros (DADOORIAN, 2003; SANTOS *et al.*, 2017; SANTOS; GUIMARÃES; GAMA, 2016).

O fato mencionado se confirma, sobretudo, nas camadas sociais mais necessitadas, o nascimento de um filho ou filha pode representar a convicção de ter-se alcançado de forma decisiva, mesmo que incompleta, a posição de adulto na sociedade, ainda que outros fatores de passagem para idade adulta como término dos estudos, aquisição de emprego e constituição de sua própria família não tenham sido alcançados (OLIVEIRA, 2008; UNFPA, 2013).

Na ausência de perspectivas sobre o futuro, uma parcela das adolescentes em condições econômicas desfavoráveis, pode atribuir à gestação o

papel de solução para as questões relativas à transformação da infância para a fase adulta (SANTOS; GUIMARÃES; GAMA, 2016; UNFPA, 2013).

Portanto, ao buscar possíveis causas para a ocorrência da gravidez na adolescência, nota-se que é um tema complexo, as justificativas para esse fato vão muito além do desconhecimento sobre uso de métodos contraceptivos pelos jovens, envolvem questões psicológicas, culturais, sociais e econômicas.

Desse modo, na tentativa de responder o questionamento que dá título a este capítulo, percebe-se que a gravidez na adolescência, no momento histórico atual, pode ser considerada precoce, mas nem sempre indesejada, pois como observado, muitas adolescentes, na ausência de perspectivas sobre o futuro, aproximam-se dessa realidade, buscando na maternidade encontrar seu papel na sociedade.

2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL: POSSÍVEL?

A sexualidade, presente em diferentes fases da vida de formas diversas, constitui objeto de estudo de muitas disciplinas, com inúmeras abordagens. De acordo com Weeks (2018, p.46), “sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico”.

Louro (2018, p. 12-13), baseando-se no estudo sobre a “história da sexualidade”, elaborado por Michel Foucault (1988), afirma que a sexualidade “é uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades”. Condutas, posicionamentos, normas, regras sobre gênero e sexualidade estão presentes na escola. Segundo Louro, (2018, p. 25), no contexto escolar, a impressão mais duradoura que possuímos não se refere ao currículo abordado e sim às vivências experimentadas no cotidiano da escola, com colegas e professores. Para a autora, a escola educa os corpos, produzindo a sexualidade dita “normal”, suas propostas, exigências e repressões constituem “efeitos de verdade” e representam porção expressiva das vivências pessoais.

As maneiras de viver o gênero e a sexualidade nos são ensinadas pela cultura, variam de geração em geração, de acordo com o período vivido e de uma cultura para a outra. Aprendemos por meio dos “discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos

dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos” (LOURO, 2008, p. 22-23).

A sexualidade na adolescência assumiu nos últimos anos o posto de problema social e questão de saúde pública, em razão do elevado número de adolescentes grávidas e jovens portadores de ISTs. A escola passou a ser considerada importante local para educação sexual e veículo de execução de políticas públicas voltadas para o bem estar de crianças e adolescentes (ALTMANN, 2003; MAGNABOSCO; LORSCHIEDER, 2016; MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

A saúde sexual e reprodutiva é essencial na construção, pelos (as) adolescentes, das características que os identificam como pessoas, bem como sua disposição física e mental, seu progresso e capacidade de desenvolvimento individual (UNFPA, 2013). Debates relacionados às questões de gênero e sexualidade passaram a figurar na narrativa social e política brasileira a partir da Constituição de 1988 (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). A educação sexual, nomeada de orientação sexual, passou a ser considerada como um tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, devendo ser desenvolvida nas diversas áreas do conhecimento e em todos os ciclos de escolarização (BRASIL, 1998). Segundo os PCN, a orientação sexual desenvolvida no ambiente escolar favorece a compreensão e reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos, permitindo que crianças, jovens e adultos adquiram conhecimentos para deliberarem sobre suas escolhas.

A partir de 1997 até meados de 2013, verificou-se um importante avanço no cenário político e social do Brasil, nas discussões relativas à educação sexual na escola, incluindo políticas públicas que garantem direitos de cidadania e igualdade a todos (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). Porém, nos últimos anos, uma onda conservadora, imbuída de princípios morais particulares de ordem ideológica ou religiosa, vem se destacando no cenário político e social nacional, frustrando muitas pautas conquistadas e reprimindo novos progressos.

Em 2018, foi aprovada pelo Congresso Nacional, a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o Ensino Médio (BRASIL, 2018). Ao contrário do que prescreviam os PCN, o documento atual não contempla conteúdos associados a gênero e sexualidade e restringe a educação sexual a uma visão biológica, enfatizada nos conceitos relacionados à anatomia e fisiologia reprodutiva humana (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

A inexistência de um debate na escola, envolvendo os temas gênero e sexualidade, coopera para a perpetuação de comportamentos intolerantes e discriminatórios, corroborando com uma perspectiva conservadora e discriminatória (BASTAGINI; SOUZA; TEIXEIRA, 2020).

Apesar de a escola ser considerada por alguns pesquisadores como palco ideal para o desenvolvimento da educação sexual, na prática, verifica-se a presença de vários obstáculos que impõem barreiras para o desenvolvimento de uma educação sexual emancipatória, prejudicando a construção, pelos adolescentes, de sua autonomia em relação à sexualidade (BASTAGINI; SOUZA; TEIXEIRA, 2020).

De forma geral, nas escolas de ensino médio, a responsabilidade de ensinar sobre educação sexual é deixada para os professores e professoras de Biologia, por se acreditar que é um assunto inerente à disciplina. Várias pesquisas mostram que os professores e professoras de Biologia, por sua vez, enfrentam dificuldades e sentem-se inseguros na realização dessa tarefa, uma vez que não receberam preparação adequada, em seus cursos de licenciatura, para tratar a temática com o público adolescente (SANTOS *et al.*, 2011; BARTASEVICIUS; MIRANDA, 2019).

Ministrar educação sexual, principalmente no atual cenário político e social do Brasil, é um grande desafio, porém, embora haja na atual BNCC, uma negligência curricular referente aos temas gênero e sexualidade, os princípios universais da educação regida pelo Estado brasileiro, garantem uma escola pública, gratuita e laica (BASTAGINI; SOUZA; TEIXEIRA, 2020). Para os autores, tal fato impõe a necessidade de lutar por uma educação que supere as distorções impostas pelo pensamento conservador, possibilitando aos (às) adolescentes o desenvolvimento de sua autonomia.

2.4 EDUCAÇÃO SEXUAL ABRANGENTE, BASEADA NO DIÁLOGO E NA CONSTRUÇÃO POSITIVA DA SEXUALIDADE

A educação sexual, segundo a UNFPA (2013, p.43-44), tem maior chance de ser efetiva se for “abrangente”, ou seja, deve ser desenvolvida de acordo com a faixa etária e fornecer informações claras, pertinentes, científicas, livres de julgamentos e promotoras de cidadania. De acordo com Santos *et al.* (2011), todas

as incertezas manifestadas pelos (as) adolescentes nessa fase da vida se enquadram dentro dos múltiplos aspectos envolvidos na formação integral do ser humano, compreendendo que é um movimento que não distingue questões afetivas, sociais, culturais e sexuais.

A consideração da pluralidade das maneiras de ser jovem e adolescente e das formas de vivenciar a sexualidade exige das práticas pedagógicas determinadas condições e formas de conceber o conhecimento e a relação entre educandos (as) e educadores (as). Entendemos que tais condições relacionam-se à concepção da educação dialógica.

A inspiração para essa concepção encontra-se nos estudos de Freire (1987), para quem o diálogo escolar se inicia quando professores e professoras se questionam sobre qual assunto vão dialogar com os (as) estudantes. Segundo o autor, o conteúdo programático surge a partir do diálogo com os (as) estudantes e representa seus desejos e expectativas, estes são os geradores da temática que servirá como ponto de partida do processo educativo.

Na perspectiva dialógica, o papel do educador e da educadora não é impor ao (à) estudante sua visão de mundo, mas abrir espaços para a discussão das condições da vida e dos saberes que os educandos e as educandas possuem acerca delas. Assim, aprender é agir no mundo, e essas ações produzem conhecimentos, dentro e fora do contexto educacional (FREIRE, 1987).

Educar não é simplesmente passar conhecimento, e sim gerar oportunidades para a sua elaboração, dessa maneira, professores e professoras demonstram-se abertos as indagações dos (as) estudantes, estimulando-os (as) de forma crítica, envolvendo-os (as) na construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Educar requer consideração aos “saberes” socialmente produzidos pelos (as) estudantes, promovendo associação com conteúdo estudado, levando-os, a partir do debate, a explorar sua realidade e reconhecer seus saberes (FREIRE, 1996, p. 17).

A educação para Freire (1996, p.51), “é uma forma de intervenção no mundo”, devendo atuar para o desvelamento da ideologia dominante, e transformação da estrutura social.

O diálogo constante com os (as) adolescentes faz parte da ocupação da escola e do professor ou professora, estes devem estar preparados para promover o diálogo de forma contextualizada e problematizada, proporcionando oportunidades de trocas de informações (MAGANBOSCO; LORSCHIEDER, 2016). Uma vez que o

(a) adolescente compreende sua sexualidade como responsabilidade, entende que sua forma de se cuidar e seu jeito de levar a vida são muito importantes para sua saúde e dos demais.

O diálogo, com relação à prevenção da gravidez na adolescência, deve contemplar adolescentes, independente do gênero a que pertençam. A UNFPA (2013) refuta a prática desenvolvida em muitos países, de focar somente na mudança de conduta feminina como solução para o problema, por pressupor que a responsabilidade pela prevenção é somente da menina, desconsiderando os fatores que levam a sua ocorrência e omitindo a participação masculina.

Dessa maneira, de acordo com a UNFPA (2013), a prevenção da gravidez na adolescência deve considerar os vários determinantes sociais e econômicos que levam a sua ocorrência, bem como as questões de gênero, incluindo a participação masculina. Ainda que as mulheres sejam mais penalizadas no decorrer de suas vidas pelas convenções sociais danosas relativas ao gênero, as sociedades também educam seus representantes do sexo masculino, eles são estimulados a certificar sua masculinidade resistindo à dor, correndo perigos, sendo o chefe da família e possuindo muitas parceiras sexuais. Ocupar essas funções representa as maneiras aceitas pela sociedade para os homens afirmarem sua virilidade.

Segundo Louro (2003), as explicações para as desigualdades de gênero são apreendidas através das relações sociais e não nas diferenças biológicas. Para a autora, o conceito de gênero não é inato do ser humano, mas construído na esfera social, divergindo entre as sociedades e no decorrer do tempo histórico.

De maneira geral, as normas de gênero, ou seja, as atribuições e comportamentos considerados como adequados pelas sociedades para homens e mulheres, impõem e salientam a submissão feminina e masculina, levando a construção de uma saúde sexual e reprodutiva precária para ambos os sexos (UNFPA, 2003).

Portanto, para o desenvolvimento de uma educação sexual que possibilite aos jovens, independente do gênero, deliberar de forma crítica e consciente sobre sua vida, evidencia-se a necessidade de uma educação sexual propagada de maneira abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade.

3 OBJETIVO GERAL

Elaborar um *e-book*, destinado aos professores e professoras de Biologia, a partir da avaliação de estudantes do segundo ano do Ensino Médio, de uma escola do município de Manhumirim - MG, sobre a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as concepções dos (as) estudantes do segundo ano do Ensino Médio, de uma escola do município de Manhumirim – MG, relacionadas à gravidez na adolescência;
- Identificar aspectos considerados positivos e aspectos considerados negativos pelos (as) estudantes do segundo ano do Ensino Médio, de uma escola do município de Manhumirim – MG, nas ações de educação sexual empreendidas no contexto do ensino de Biologia;
- Identificar os conteúdos e metodologias que os (as) estudantes do segundo ano do Ensino Médio, de uma escola do município de Manhumirim – MG consideram adequadas para a abordagem da prevenção da gravidez na adolescência, no contexto do ensino de Biologia.

4. METODOLOGIA

A pesquisa realizada neste trabalho foi exploratória, de caráter qualitativo e a técnica utilizada para coleta de dados foi o grupo focal. O planejamento dos grupos focais baseou-se no relato de experiência de Mazza, Melo e Chiesa (2009) na utilização da técnica como obtenção de dados em pesquisa qualitativa.

Os participantes da pesquisa foram os (as) estudantes do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Alfredo Lima, situada na região central de Manhumirim – MG. Segundo dados obtidos na secretaria da escola, em 2019, nela estavam matriculados 630 estudantes, 349 no Ensino Fundamental e 281 no Ensino Médio. Com relação ao domicílio, 216 residiam na zona rural e 414 na zona urbana. É a escola mais antiga da cidade, completando 90 anos em 2019, é também a escola pública estadual que atende o maior número de estudantes, portanto, um importante veículo para promoção de saúde na comunidade.

A escolha dos (as) estudantes matriculados nos segundos anos como participantes da pesquisa justificou-se pelo fato de que tiveram acesso aos conteúdos da Biologia comumente relacionados às discussões de educação sexual (fisiologia do aparelho reprodutor, métodos contraceptivos, IST), que acontece na escola em que foi realizada a pesquisa, no primeiro ano do Ensino Médio.

Nessa escola estavam matriculados 72 estudantes para o segundo ano do Ensino Médio. Após o consentimento da direção da escola, os (as) estudantes receberam explicações sobre os objetivos e funcionamento da pesquisa. Em seguida, através de sorteio, foram compostos grupos focais, de 12 alunos cada, sendo 08 estudantes do sexo feminino e 04 do sexo masculino, tal proporção justificou-se pela composição total da turma que é formada por 2/3 de estudantes do sexo feminino e por 1/3 de estudantes do sexo masculino. O número de grupos focais foi definido considerando o critério de saturação das respostas (GONDIM, 2003).

Os (as) estudantes receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (APÊNDICE B) para ser assinado pelo (a) participante e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), para ser assinado pelo pai, mãe ou responsável. O projeto atendeu as premissas éticas contidas na Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 (BRASIL, 2012), sendo aprovado no

Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFJF, sob o número do parecer substanciado número 3.777.445 (APÊNDICE C).

Os encontros dos grupos focais ocorreram na sala de vídeo da Escola Estadual Alfredo Lima, local escolhido por garantir conforto, acesso e privacidade adequados ao desenvolvimento da pesquisa, o tempo de duração de cada reunião foi de uma hora e meia. As regras do grupo foram explicitadas no início das reuniões com a finalidade de contribuir para a autonomia do grupo e fluidez da conversa. Foram adotadas as regras propostas por Morgan (1997): somente uma pessoa fala por vez; não é permitido discutir paralelamente, mas sempre de forma que todos os membros participem da discussão; nenhuma pessoa pode dominar a conversa; todas as pessoas podem dizer o que pensam sobre o assunto. Considerando tratar-se de um grupo de participantes conhecidos, foi acrescida uma regra relativa a essa condição: não seria permitido abordar fatos ou ideias já conhecidas dos (as) colegas, a não ser com permissão dos (as) mesmos (as), para evitar qualquer tipo de constrangimento para os (as) participantes.

As discussões nos grupos focais seguiram roteiro de questões pré-definidas (Apêndice A), os critérios para a delimitação dos tópicos abordados no roteiro foram estabelecidos a partir do recorte sobre a gravidez na adolescência. Os encontros dos grupos focais foram filmados. As gravações foram transcritas, o que permitiu a leitura e releitura das interações entre os sujeitos da pesquisa. O método de análise dos dados coletados foi baseado no trabalho de Taquette e Minayo (2015), sendo os relatos organizados em categorias, as quais foram divididas em temas que fundamentaram as esferas de argumentação, demonstrando como os participantes dos grupos focais se colocaram diante da discussão dos temas abordados. Buscou-se assim, como mostram as autoras, compreender o raciocínio do grupo relacionando-o ao entendimento da literatura e produzir uma análise que atenda as indagações da pesquisa.

Nessa perspectiva, foram elaboradas cinco categorias de análise, 1. Entendimento sobre o que é sexualidade; 2. A responsabilidade de educar sexualmente e a importância da educação sexual; 3. O diálogo escolar sobre educação sexual; 4. Percepções sobre a gravidez na adolescência e 5. Contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

A partir da análise dos resultados, iniciou-se o processo de confecção do produto educacional, um *e-book*, destinado aos professores e professoras de

Biologia, para tratar a temática com o público adolescente. Nele são compartilhados os caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, as reflexões geradas a partir da análise de resultados e sugestões didáticas sobre educação sexual.

ETAPA 1 – Definição do conteúdo abordado no *e-book*:

- Seleção do conteúdo abordado no *e-book* a partir dos resultados coletados nos grupos focais.
- Pesquisa bibliográfica sobre as temáticas adolescências e juventudes, gravidez na adolescência e educação sexual, a fim de situar os dados coletados na produção teórica contemporânea sobre o tema.
- Seleção dos tópicos e títulos para estruturação do *e-book*.
- Redação do conteúdo proposto no *e-book* e escolha da linguagem abordada, buscando fluidez no texto.

ETAPA 2 – Design e formatação do *e-book*

- Definição dos recursos visuais como imagens e ilustrações com o objetivo de facilitar o entendimento dos leitores.
- Escolha das cores, letras e layout que reflita a proposta do *e-book* e promova melhor assimilação do conteúdo pelos leitores.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise preliminar e comparação dos dados coletados nos dois grupos focais iniciais, foi observado que a necessidade de informações foi satisfeita e que não ocorreram divergências nas informações coletadas, não sendo necessária a formação de novos grupos, portanto, considerando-se que foi atendido o critério de saturação.

5.1 ENTENDIMENTO SOBRE O QUE É SEXUALIDADE

A discussão inicial, proposta aos grupos focais, buscou aferir o entendimento dos (as) estudantes sobre o que é sexualidade. Em ambos os grupos, os (as) estudantes demonstraram um pouco de timidez ao abordar o assunto, soltaram risos, olhares curiosos e à medida que a conversa foi fluindo revelaram possuir conhecimento sobre o tema.

*Conhecer o **próprio corpo**.* (Aluna A)

*Eu acho que de certa forma está relacionada a tudo, **relação sexual, o gênero da pessoa, o que ela escolhe pra vida dela**, de uma certa forma está englobando tudo em relação à sexualidade.* (Aluna C)

*Se conhecer, os **seus gostos**.* (Aluna E)

Os sentidos que deram para a sexualidade se aproximam do entendimento de Weeks (2018), relacionando-a com nossa forma de pensar, crer, idealizar e com nossa constituição física.

A maioria dos (as) estudantes relatou aprender sobre sexualidade na internet. Logo que esse veículo de informação foi citado por um dos estudantes, no primeiro grupo focal, gerou risos nos demais e todos balançaram assertivamente a cabeça. O mesmo foi observado no segundo grupo focal, onde a internet também foi alvo de risadas e consentimento da maioria. Ainda declararam obter informações sobre sexualidade nas conversas com os amigos, em casa e na escola.

*A gente olha mais na **internet**, tem vários youtubers que falam sobre isso, vários canais que falam.* (Aluno G)

*Um pouco em **casa**, um pouco na **escola**.* (Aluna F)

Uma aluna do segundo grupo frisou que nem sempre assuntos relacionados à sexualidade são abordados na escola e pela família.

*Normalmente na **escola**, mas nem sempre a gente tem educação sexual na escola, eu, por exemplo, tive no quinto ano, no primeiro ano do Ensino médio eu não lembro direito, falamos sobre doenças, fora isso eu aprendo em casa com **minha mãe**, ela conversou comigo, me explicou, mas nem todo mundo tem uma mãe e um pai pra conversar assim de forma aberta, a mãe fica com receio de falar sobre esses assuntos. (Aluna C)*

Com relação a outros locais de aprendizagem, ainda foi alvo de debate a televisão, alguns estudantes declararam que na televisão só têm propagandas sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST, geralmente sobre a AIDS. Perguntados sobre filmes, séries, novelas ao mostrarem, por exemplo, uma adolescente grávida, se passa alguma informação ou traz alguma reflexão sobre o tema, a maioria declarou que isso acontece raramente.

*Tem propaganda sobre **prevenção**, geralmente **AIDS**. (Aluna D)*

*Eu acho bem **difícil passar isso na televisão de forma educativa**, bem exposto, igual na série da Netflix, Sex Education, lá mostra real e engloba vários assuntos sobre a adolescência e o que acontece com a gente. (Aluna C)*

A partir das falas dos (as) estudantes sobre sexualidade, evidenciou-se o proposto por Louro (2008), para quem a sexualidade não é algo inato do ser humano, mas desenvolve-se a partir de experiências e situações efetuadas em vários âmbitos socioculturais como em casa, na escola, com os amigos e através de veículos de informação como a internet.

5.2 A RESPONSABILIDADE DE EDUCAR SEXUALMENTE E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Na opinião dos (as) estudantes, a responsabilidade de educar sexualmente é da família e da escola. Destacaram a importância da família em transmitir os valores para a vida, e evidenciaram o seu papel na proteção das

crianças e adolescentes ao fornecer uma educação que possibilite o seu desenvolvimento saudável, evitando, por exemplo, assédio ou estupro.

*Os responsáveis da casa, porque normalmente muitas crianças são **abusadas sexualmente**, se eles começarem a ensinar que não pode tocar aqui, se tiver tocando você procura alguém responsável, você evita, diz não gosto disso. Ensinar pra criança que não pode não e tipo assim falar sobre aquilo, mas tipo assim dá uma base pra ela se proteger de um assédio ou alguma coisa, então provavelmente porque na escola é mais fechado. (Aluna D)*

*Educação sexual é importante para pessoa saber reconhecer o que é **assédio**, às vezes ela pode sofrer um assédio e achar que é **normal**, igual isso acontece muito na rua, aconteceu com minha amiga. Então eu acho importante a gente ter educação sexual pra gente saber reconhecer isso. (Aluna H)*

Em relação ao modo como o diálogo acontece nas famílias, os (as) estudantes relataram observar diferenças na forma como as questões relativas à sexualidade são abordadas com os filhos e as filhas. Os meninos são menos vigiados e possuem mais liberdade do que as meninas. Tal fato corrobora com o exposto pelo Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA, 2013) ao afirmar que apesar das mulheres serem mais penalizadas que os homens pelas convenções sociais danosas relativas ao gênero, as sociedades também estipulam as funções e maneiras aceitas para homens afirmarem sua virilidade. As normas de gênero consideradas como adequadas pelas sociedades para homens e mulheres, impõem e salientam a submissão feminina e masculina, levando a construção de uma saúde sexual e reprodutiva precária para ambos os sexos.

*Tem muita coisa que minha mãe conta pra minha irmã que é **diferente do que ela conta pra mim, por ser menino. Minha irmã, por exemplo, ela marca horário de chegar em casa, eu não** (Aluno L)*

*É uma situação complicada, porque tipo assim, meus irmãos são pequenos, mas mesmo assim eu já **vejo diferença lá em casa**, eu 10 horas tenho que estar dentro de casa, aí meu padrasto fala para os meus irmãos: vocês vão poder ficar até de madrugada porque quando vocês saírem para namorar, vão levar as namoradas pra passear, chegar tarde, essas coisas. (Aluna K)*

Os (as) estudantes demonstraram não concordar com a educação diferenciada disponibilizada pela família para as meninas e os meninos, mas

apresentaram justificativas, alegando que as meninas correm mais perigos relacionados a assédio ou estupro por exemplo.

*Não estão certos, mas às vezes pelo que a gente vê muito pela televisão e tudo mais, **a menina corre muito perigo**, tipo assim na rua, no caminho de casa, então tipo assim, às vezes os pais pensam num horário mais acessível, que tem mais movimento na rua. Ah! Se acontecer alguma coisa com ela tem movimento da rua, alguém pode ajudar ela e tudo mais. (Aluna K)*

Alguns estudantes relataram que os pais não conversam sobre sexualidade com eles e acreditam que o motivo está relacionado ao tipo de criação mais fechada que os pais receberam, quando também não obtiveram essas informações de seus progenitores. Segundo os (as) estudantes, os pais preferem não tocar no assunto, acreditando dessa forma proteger os filhos e filhas, evitando o interesse deles sobre o tema. Nesse contexto, como muitos pais não dialogam devidamente sobre sexualidade com seus filhos e filhas, para Magnabosco e Lorscheider (2016), o professor ou professora muitas vezes é a única pessoa com quem os (as) adolescentes podem conversar e tirar suas dúvidas sobre sexualidade, além de ampliar o modo de pensar sobre questões relacionados a ela. Tal fato justifica o surgimento da escola como peça fundamental para a formação do indivíduo e para o desenvolvimento da sociedade.

*Eu acho que vem da **criação deles**, que foi bem assim também e tipo também por eu ser filha única tem uma super proteção demais. Talvez na cabeça deles **se eu souber demais ou tiver informação eu vou querer fazer aquilo, mas não**. (Aluna A)*

*Quem geralmente não aprende muito em casa é porque **os pais têm uma certa restrição...** tipo assim... como eu posso dizer... de várias coisas, às vezes a pessoa não sai muito, não tem diálogo com certas pessoas pra tirar dúvida, essas coisas. (Aluna K)*

Sobre a escola os (as) estudantes reconheceram a importância da divulgação do conhecimento científico e que receber essas informações contribui para o pleno desenvolvimento da pessoa.

*Até porque em casa você tem que preparar o seu filho pro mundo, então ensinar todas as coisas, mas **na escola tem a parte da ciência e é importante saber detalhadamente**. (Aluna E)*

*A escola deveria tocar no assunto sim, **principalmente a escola** onde a gente passa a maior parte do tempo, 4 horas por dia na escola, com certeza tem que falar sobre esse assunto, lógico em casa também tem que ter uma educação, mas na **escola é essencial**. (Aluna C)*

5.3 O DIÁLOGO ESCOLAR SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Os (as) estudantes declararam que a maior parte da educação sexual recebida na escola é disponibilizada pela disciplina de Biologia e está mais voltada para os aspectos biológicos como o funcionamento do corpo, métodos contraceptivos e prevenção contra IST, corroborando com outros estudos (SANTOS *et al.*, 2011; BARTASEVICIUS; MIRANDA, 2019) que mostram, de forma geral, nas escolas de ensino médio, que a responsabilidade de ensinar sobre educação sexual é deixada para os professores e professoras de Biologia, por se acreditar que é um assunto inerente à disciplina, os professores e professoras de Biologia, por sua vez, enfrentam dificuldades e sentem-se inseguros na realização dessa tarefa, uma vez que não receberam preparação adequada, em seus cursos de licenciatura, para tratar a temática com o público adolescente.

*Só na aula de **Biologia**. (Aluna K)*

Uma professora de outra disciplina falou um pouco sobre sexualidade, não de forma abertamente sobre sexo, mas sobre prevenção, essas coisas. (Aluna C)

Na avaliação que os (as) estudantes fazem da educação sexual recebida na escola, julgaram o conteúdo abordado bom, porém muito básico, gostariam que as discussões fossem mais aprofundadas e que ocorressem com maior frequência. Uma estudante do segundo grupo focal sugeriu que deveria existir uma disciplina específica para abordar conteúdos relacionados à educação sexual, afirmando ser o fato importante, pois muitos (as) estudantes não recebem orientação em casa, os demais estudantes concordaram com ela.

*Os assuntos passados **são bons**, só **aprofundar mais**, ter mais tempo, mais aulas pra aquilo, porque nem todo mundo tem os pais que conversam, tem acesso à internet pra procurar e às vezes*

procuram informação errada, pois nem sempre a internet é certa. (Aluna C)

*Os professores só dão uma **pequena base** do que é isso, não aprofundam muito assunto, eu acho que **deveria ter mais**. (Aluna H)*

*Poderia ser **explicado mais detalhadamente**, ter **mais aulas** pra aquilo. (Aluna N)*

*Eu acho que deveria ter uma **matéria só disso**, porque tem gente que **não aprende em casa** e fica sem saber de nada. (Aluna H)*

5.4 PERCEPÇÕES SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Com relação ao que pensam sobre a gravidez na adolescência, a primeira palavra que surgiu foi “precoce”, o estudante que a proferiu falou de forma enfática, os demais participantes confirmaram positivamente com a cabeça e listaram os prejuízos que o fato traz para a formação escolar da adolescente e para sua vida futura, afirmaram que os prejuízos são maiores para as meninas que para os meninos.

Precoce! (Aluno B)

*Eu acho que atrapalha **muito nos estudos**, na **vida da adolescente**, porque querendo ou não a responsabilidade fica em cima da mãe. O pai... (a adolescente faz gesto indicando que lava as mãos). Eu sei por que fui criada por mulheres, só mulher. Assim, eu moro com minha avó e eu acho que é bem mais pesado pra mulher por conta de ter carga horária dupla, por exemplo, eles falam que mulher aposenta mais cedo porque ela tem carga horária em casa e vamos supor no trabalho, então uma criança ocupa muito tempo, eu sei por que eu olho meu irmão, então é uma coisa muito cansativa, ainda mais quando a criança é muito agitada, às vezes você tem que resolver uma coisa sua, você tem que cuidar da criança, e fazer isso e fazer aquilo, então você fica sobrecarregada. Então se você quiser, por exemplo fazer uma faculdade, vai te atrapalhar muito, porque você vai ficar tipo assim, trabalha de dia, cuida de criança a tarde e vai pra faculdade, vai ficar esgotada. Não tem como estudar, atrapalha muito, não tem condições assim... só se a pessoa for em cima mesmo porque é muito complicado. (Aluna D)*

*Por isso que muitas meninas quando engravidam, aqui **na escola saem porque não dá conta né!** De olhar a criança, estudar... é muita responsabilidade. (Aluna C)*

A compreensão dos (as) estudantes sobre gravidez na adolescência como precoce se enquadra nas expectativas de vida dos tempos atuais, onde é

esperado que os (as) jovens amadureçam, completem os estudos, exerçam um trabalho para seu sustento e só depois disso constituam sua própria família, demonstrando que a gravidez na adolescência, como ressaltada por Santos *et al.* (2017), é um fenômeno social, assumindo sentidos diversificados de acordo com a posição concedida pela sociedade, ao adolescente, em determinada época.

Com relação aos motivos para a ocorrência da gravidez na adolescência os (as) estudantes abordaram muitos tópicos relevantes, citaram a falta de informação; informações incorretas obtidas em fontes não seguras, como por exemplo, na internet; dificuldade de entendimento de certas informações; descuido; falta de responsabilidade; viver o momento e não analisar as consequências.

Falta de informação, às vezes, nem sempre. (Aluna C)

Falta de responsabilidade. (Aluno B)

Falta de cuidado, porque informação, assim... no meu caso estão sempre falando sobre gravidez na adolescência. Então minha avó fica falando o tempo todo, minha irmã morre de medo de engravidar, ai estão sempre falando. Informação pra mim não é o problema, tipo é o cuidado, as pessoas, os dois no caso, tomarem cuidado com isso, usarem a camisinha, tomar a pílula certinho. (Aluna P)

Eu acho que por mais que tenha muita informação pra gente procurar, tem gente que tem **dificuldade de acessar essas informações e também de entender**, às vezes fica com muita dúvida e acaba acontecendo. (Aluna A)

Pesquisas erradas, às vezes a menina acha que está prevenindo de uma forma correta, mas não está. Às vezes é um erro que ela comete por **informação errada**, não é porque a pessoa queria, mas é porque ela acreditou naquilo. (Aluna D)

Às vezes a pessoa **vive muito de momento**, na hora nem pensa né!? (Aluno O)

Sabe mas, **não acha que vai acontecer com ela.** (Aluna H)

Como motivos, também foram citados pelos (as) estudantes, a falta de diálogo familiar, a repressão sexual imposta pela sociedade à mulher, a pressão masculina e fatores como estupro e abuso de álcool e drogas.

Muita gente não tem acesso também, tipo o **pai que não deixa**, vai fazer escondido e sem segurança. (Aluna H).

Muita **vergonha** também, chegar numa farmácia e comprar um anticoncepcional, chegar num posto de saúde e pedir um anticoncepcional ou uma camisinha ou o que seja. (Aluna K)

Também as **meninas sempre são mais reprimidas**, tipo de ter informação, aí acaba acontecendo isso porque elas às vezes não conseguem, como ela são reprimidas, elas não têm essa coragem. (Aluna A)

Às vezes a **sociedade julga muito** também, tipo assim... Ah! Fulana toma remédio, nossa que coisa feia, olha a idade dela!? (Aluna K).

Estupro. (Aluna Q)

Acho que **álcool e droga** assim tanto da parte do homem como da mulher também causam muita gravidez. (Aluno G)

Tem muita menina que sofre uma **pressão do cara**, tipo... vamos! E a menina fica com medo de perder o cara e faz. (Aluna A)

Para Lerner *et al.* (2018), o período da vida em que ocorre a iniciação das atividades sexuais exige do indivíduo um amadurecimento que o permita avaliar os riscos inerentes à atividade sexual, tais como a possibilidade de uma gravidez, infecções sexualmente transmissíveis, bem como é fundamental a emancipação e ciência dos próprios limites para transpor circunstâncias de abuso e exposição social inadequada.

Os (as) estudantes elencaram com muita facilidade as desvantagens relacionadas à gravidez na adolescência, citaram principalmente o prejuízo com relação à continuidade dos estudos e como isso atrapalha o desenvolvimento profissional da pessoa, mas exibiram dificuldade em elencar as vantagens de uma gravidez na adolescência, a princípio ficaram em silêncio, em seguida alguns manifestaram dizendo que não existe vantagem, alguns riram e concordaram com a cabeça, outros citaram que algumas pessoas adquirem maturidade, principalmente a menina. Tal fato é evidenciado principalmente nas camadas sociais mais pobres, uma parcela dessas adolescentes, percebe na maternidade oportunidade de demonstrarem ser maduras e possuir responsabilidade (SANTOS; GUIMARÃES; GAMA, 2016; UNFPA, 2013). Quando percebem que não possuem outras opções, acreditam que não têm nada a perder, e provavelmente a ganhar, como o filho, uma relação amorosa e ascensão ao posto de adulto na sociedade.

*Eu acho que a menina querendo ou não, mesmo ela errando, às vezes ela não teve formação, ela erra, mas **ganha maturidade** com*

isso. Ensina a filha dela como se prevenir depois, passa informações que ela mesma não teve. Acho que os que ainda não amadurecem são os homens, porque querendo ou não o menino fez o filho, não assume e depois vai lá e faz outro. Eu acho que isso ainda tá crescendo mais, porque tipo assim tem um filho aqui hoje, a mulher ainda pára um tempo pra cuidar, algumas, pra cuidar dos filhos enquanto o outro está lá, se não assumiu e está fazendo de novo, acho que é isso! (Aluna F)

Os (as) estudantes relataram que a gravidez na adolescência não é enfrentada igualmente por meninos e meninas. Evidenciaram que a responsabilidade na criação da criança recai mais sobre a menina e que ela recebe mais julgamentos da sociedade que o menino. Sobre as reflexões feitas pelos (as) estudantes, relativas às diferenças nos comportamentos entre meninos e meninas, elencadas durante as várias discussões, como exemplos, a maior liberdade do homem, julgamento feminino, assédio sexual e estupro, os (as) estudantes relataram estar relacionadas ao tipo de educação recebida e que isso é um reflexo da sociedade em que vivemos. Para Lerner *et al.* (2018), nos tempos atuais ainda existe uma distinção entre os gêneros sobre as liberdades sexuais, imputando maior culpa e constrangimento às mulheres, as repercussões das práticas sexuais são piores para elas, pois na maioria dos casos necessitam suspender os estudos em decorrência de uma gravidez não desejada.

*A **responsabilidade fica toda pra cima da mulher!** Já começa nos julgamentos, tipo a menina todo mundo vai julgar, enquanto o menino talvez não vai ter julgamento nenhum. Não só isso, tipo fala, nossa, ela não tem juízo nenhum, não tem noção! E o menino tá lá... (Faz gestos com as mãos indicando que o menino é deixado de lado). (Aluna A)*

*Nossa! Ela era tão linda, imagina depois que ganhar o filho, vai virar um bagaço! Ao invés de estudar está piriquetando! **Porque é assim que o povo fala...** (Aluna K)*

***Isso é quando o homem assume, né!?** Porque tem vez que ele nem lembra que tem filho e quando faz a obrigação, nossa ele é o melhor pai! (Aluna F)*

*Aí eu volto no começo, a falta de informação. A gente critica o homem por ser assim, mas às vezes **na casa dele a gente não sabe o que aconteceu**, ele pode vir de um estupro, **pode vir de uma família que não conversa com ele**. Às vezes foi uma criança maltratada pelos pais, tipo assim apanhava muito e ah, vou ir pro mundo e fazer as coisas. (Aluna F)*

***Ele foi criado daquela forma** achando que aquilo ali é o que ele tem que fazer mesmo. (Aluna A)*

*A galera de 25 anos para baixo, tanto homens como mulheres é muito mais fácil as informações que a gente está tendo hoje do que uma galera de 30 anos. Porque a galera de 30 anos para cima, querendo ou não os homens principalmente, **são da época em que homem mandava**. Agora, tipo as mulheres estão conseguindo direitos, a gente fala não é não, tipo a galera mais jovem alguns ainda respeitam. Só que a pessoa mais velha não, eles querem e acham que estão no direito. (Aluna S)*

5.5 CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE BIOLOGIA PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Os (as) estudantes declararam que a gravidez na adolescência e as formas para preveni-la foram assuntos abordados durante as aulas de Biologia, mas afirmaram que não foi suficiente. Apresentaram vários fatores limitantes para a realização da educação sexual na escola, como salas superlotadas, o que dificulta o manejo de classe pelo professor ou professora; falta de tempo nas aulas de biologia devido ao currículo extenso que deve ser ministrado em apenas 2 horas semanais, falta de estrutura da escola; falta de interesse dos (as) estudantes; falta de políticas públicas que incentivem e valorizem o desenvolvimento da educação sexual na escola, o que torna abranger esse assunto durante as aulas uma tarefa nada fácil para os professores e professoras.

*A questão da aula de Biologia **tem só duas aulas por semana** e tem que dar conta de matéria, é muita coisa e acaba não sobrando tempo. (Aluna N)*

*Eu acho que **a culpa não é dos professores de Biologia**, às vezes ele quer aprofundar uma coisa, não sei se a escola permite, acho que pode ser isso também, às vezes ele quer dar um auxílio pra gente, vamos supor aula demonstrativa. A gente que vir pra sala de vídeo, às vezes não tem acesso porque outro professor está usando, às vezes prioriza um filme e não prioriza uma palestra ou alguma coisa assim. (Aluna F)*

*As **turmas são muito cheias**, isso também acaba sendo uma coisa ruim porque nem todo mundo vai conseguir ouvir, nem todo mundo vai prestar atenção. (Aluna S)*

O professor não vai conseguir dar auxílio pra todo mundo ali. (Aluna K)

*Porque **tem aluno que não aproveita a situação.** (Aluna A)*

O próprio governo não deixa, acaba tendo dificuldade ai. (Aluna H)

De acordo com Moraes *et al.* (2018), os (as) adolescentes dispõem de informações sobre métodos contraceptivos, porém nem sempre exatos, são frequentes os medos sem fundamentos, principalmente relacionados à estética corporal. Para os autores, o planejamento de uma gravidez na adolescência é muito importante para o bem-estar psicológico, físico e social da adolescente, essa condição atribui muitos desafios, pois a gestação impõe cuidados clínicos e sociais, podendo afetar a saúde integral da mãe e de seu filho.

Com relação à posição da família, os (as) estudantes relataram que muitas não aprovam a abordagem da educação sexual na escola. Segundo os estudantes quando os pais não tocam nesse assunto ou quando proíbem que os filhos tenham acesso, por exemplo, impedindo que a escola ministre educação sexual, a expectativa dos pais é que os filhos não se relacionem sexualmente. Unanimemente os (as) estudantes discordaram dessa posição da família, justificando que a falta de conhecimento vai trazer ainda mais curiosidade sobre o assunto e como consequência os (as) adolescentes vão se relacionar de forma irresponsável, sem prevenção contra IST ou gravidez, por exemplo.

*Porque se eles não conversam em casa, eles **não querem que o filho converse na escola.** (Aluna H)*

*De alguma forma eles acham que **isso é errado**, porque a pessoa vai ter ainda **mais curiosidade** de fazer e ainda vai fazer **sem informação nenhuma.** (Aluna A)*

Segundo o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA, 2013), muitas pessoas, equivocadamente, têm receio de que a educação sexual estimule os (as) jovens a terem relações sexuais, porém, pesquisas mostram o contrário, a educação sexual retarda a iniciação sexual, amplia o respeito ao próximo e promove a busca por projetos de vida.

Sobre como gostariam que fossem as aulas de Biologia relacionadas à educação sexual, os (as) estudantes disseram que gostariam de aulas mais dialogadas e dinâmicas, onde todos pudessem compartilhar suas dúvidas mais à vontade. Elogiaram a forma como estavam acontecendo os grupos focais, disseram

que gostariam de mais oportunidades no formato roda de conversa. Apontaram a necessidade que sentem de se expressar e dialogar com seus semelhantes sobre suas experiências. Relataram a necessidade de abordar o tema mais vezes durante o ano letivo e em todas as séries

Começando assim (a aluna aponta para a disposição em círculo dos participantes do GF), *tipo a gente fica muito em ordem pra tudo, todo mundo um atrás do outro, ai o professor fala levanta o dedo.* (Aluna F)

Ai todo mundo olha. (Aluna H)

Aham! Assim a gente fica mais à vontade. *Hoje a gente vai falar sobre isso... Não precisa ficar com vergonha... etc.* (Aluna F)

Querendo ou não nossas aulas de Biologia, elas são tipo assim... a gente se distrai muito porque acaba que a gente tem um convívio há bastante tempo, o modo que a gente senta atrapalha muito. Nossa! Fulano está falando isso! Fica prestando muita atenção. (Aluna K)

*Por exemplo, todo mundo fala pra prevenir, a gente não dá oportunidade pra uma pessoa que passou por aquilo falar, se você for vê dentro da nossa sala eu já ouvi isso, muita gente julgou o fato das nossas amigas terem engravidado. Depois todo mundo se pronunciou em fazer um chá de bebê, mas ninguém perguntou pra elas, você quer realmente isso? Às vezes elas nem queriam chá de bebê, às vezes só uma fralda mesmo, ou alguém pra ouvir, conversar, porque pode está sendo difícil, ninguém pensa nisso. Acho que uma chance de trazer uma **pessoa pra se pronunciar**, falar como é a experiência, porque às vezes a gente ouvindo uma pessoa que já passou por isso pode ser diferente.* (Aluna F)

Baseado no exposto evidencia-se o retrocesso imposto pela atual BNCC (BRASIL, 2018), ao ignorar a transversalidade da educação sexual prescrita pelos PCN (BRASIL, 1998) e restringir a abordagem do tema a uma visão biológica e reprodutiva. Essa perspectiva não atende os anseios dos (as) adolescentes pesquisados e não contempla a noção de sexualidade como construção sociocultural.

Considerando a pluralidade das diversas maneiras de ser jovem e as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade, abordar a educação sexual de maneira dialógica, conforme observado por Santos *et al.* (2011), coloca-se como proposta importante para a educação sexual de adolescentes e jovens, visto que as incertezas manifestadas por eles nessa fase da vida se enquadram entre os

múltiplos aspectos envolvidos na formação integral do ser humano, que envolve questões afetivas, sociais, culturais e sexuais.

O ambiente escolar deve proporcionar, aos (às) estudantes, oportunidades de trocas de informações, promovendo o diálogo de forma contextualizada, pois quando o (a) adolescente compreende sua sexualidade como responsabilidade, entende que sua forma de se cuidar e seu jeito de levar a vida são muito importantes para sua saúde e dos demais (MAGANBOSCO; LORSCHIEDER, 2016).

Os (as) estudantes também apontaram para a necessidade de um psicólogo na escola e uma melhoria no diálogo sobre o assunto com a família.

*Um **psicólogo ajudaria demais**, porque o professor fala, mas às vezes ele não tem, vamos supor, a gente quer pedir um conselho de uma pessoa que saiba conversar, ou às vezes a gente quer só conversar mesmo com uma pessoa. (Aluna F)*

*Eu acho que isso deveria ser **passado para os pais** também, uma menina da nossa sala disse que engravidou porque a mãe dela não deixou ela tomar remédio. Provavelmente a mãe dela pensou que se ela não deixasse a filha não iria fazer. (Aluna H)*

Os (as) estudantes ainda citaram como sugestão a realização de uma semana temática sobre educação sexual, onde o assunto pudesse ser desenvolvido sob diversos aspectos e envolvendo as demais áreas de aprendizagem, além da Biologia. Nessa semana várias atividades poderiam ser desenvolvidas, como debate, palestra, roda de conversa, feira com trabalhos de pesquisa apresentados pelos (as) estudantes.

*Eu acho que assim como tem uma semana voltada para tal tema que a escola acha que seria importante, acho que poderia ser **uma semana voltada a isso**, poderia ter palestra, a gente podia aprofundar no assunto, estudar, ter visita de psicólogo, pessoas pra fazer palestra pra gente, assim como vem de outros assuntos. (Aluna K)*

*Acho que pode **envolver os alunos e eles vão levar para outros alunos**. Acho isso muito importante, porque às vezes o professor falando com um menino do primeiro ano que são mais imaturos, eles não aceitam. Mas, vamos supor um aluno do segundo ano que tem um amigo no primeiro ano, às vezes ele falando pro amigo de uma forma, vamos supor num trabalho, acho que eles aceitam mais. (Aluna F)*

***A gente se envolve muito quando o tema é proposto pra gente.** (Aluna R)*

Essa sugestão dada pelos (as) estudantes vai ao encontro da Lei 13.798, Brasil (2019), que adiciona um artigo ao Estatuto da Criança e do Adolescente e institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, devendo esta ser realizada todo ano na semana que incluir o dia primeiro de fevereiro, com a finalidade de divulgar informações que promovam a prevenção e diminuição do número de casos de gravidez na adolescência.

Para a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020), a criação de uma data oficial para o combate à gravidez na adolescência demonstra progresso nas discussões sobre o assunto, porém, a mesma faz críticas ao programa do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que propõe a abstinência sexual como método escolhido para prevenção de situações de risco à saúde sexual e reprodutiva, com ênfase na redução da gravidez na adolescência.

Um dos tópicos essenciais no tratamento com os (as) adolescentes é o reconhecimento do direito que eles possuem de conhecer sobre seu próprio corpo e sua saúde sexual (SBP, 2020). Desse modo, para a entidade, a educação sexual, com abordagem científica, é o recurso mais eficaz para prevenção da gravidez na adolescência, levando em consideração não somente os aspectos biológicos, mas considerando também as relações de gênero, além de discussões sobre autoestima, autocuidado e responsabilidade.

5.6 PRODUTO EDUCACIONAL: *E-BOOK*

A pesquisa nos mostra que entender os motivos que levam os (as) adolescentes a correrem o risco de uma gravidez precoce não é uma tarefa simples, assim como efetuar a redução do número de casos de gravidez na adolescência tampouco é fácil de realizar, não existem soluções milagrosas, tais fatos envolvem questões de cunho cultural, social, econômico e conseqüentemente político. Porém, por mais complexas que sejam essas tarefas, a participação da escola nesses processos é evidente e o papel do professor e professora fundamental, a contribuição de ambos se constitui em uma importante ferramenta para o desenvolvimento da educação sexual.

Portanto, a partir da apuração dos dados coletados na pesquisa, evidenciou a necessidade de uma educação sexual baseada em três aspectos:

- **Educação abrangente**, ou seja, apropriada para cada faixa etária e que forneça informações claras, científicas, livres de julgamentos e promovendo a cidadania. Para tanto, a prevenção da gravidez na adolescência deve considerar os vários determinantes sociais e econômicos que levam a sua ocorrência, bem como as questões de gênero, incluindo a participação masculina.
- **Educação embasada no diálogo**, isto é, onde o ponto de partida seja a vivência dos (as) estudantes e o professor ou professora atue como um (a) facilitador (a), conduzindo, através de indagações, a aprendizagem dos mesmos. Não adianta, para o (a) estudante, somente receber informações, é importante que ele (a) tenha a oportunidade de falar espontaneamente sobre seus sentimentos e experiências. Se o (a) estudante não entender as circunstâncias reais onde as informações serão utilizadas, não haverá aprendizagem.
- **Educação embasada na estruturação positiva da sexualidade**, em que a escola auxilie o desenvolvimento da autoestima e autonomia dos (as) adolescentes, contribuindo para ampliar seus conhecimentos e capacidade de reflexão, possibilitando dessa maneira que os (as) adolescentes vivenciem de forma positiva sua sexualidade.

Os dados apresentados acima foram convertidos nos tópicos trabalhados no produto educacional, tendo como resultado final o *e-book* (APÊNDICE B). Como o público destinado são os professores e professoras de Biologia, optou-se por uma linguagem mais pessoal que criasse identificação com os leitores. Optou-se também pela utilização de recursos visuais, buscando um design que reflita a proposta do *e-book* e promova melhor assimilação do conteúdo.

6 CONCLUSÃO

Os (as) estudantes pesquisados (as) compreendem a gravidez na adolescência como precoce. Listaram com muita facilidade as desvantagens relacionadas à gravidez na adolescência, citaram principalmente o prejuízo com relação à continuidade dos estudos e desenvolvimento profissional, mas exibiram dificuldade em elencar vantagens, inferiram que o fato pode resultar na aquisição de maturidade, principalmente pela menina.

Para os (as) estudantes, a gravidez na adolescência não é enfrentada de forma igualitária pelos adolescentes, normalmente os pais são mais severos e exigentes com as filhas e mais flexíveis com os filhos. Os (as) estudantes percebem que as questões relativas ao gênero interferem na forma como meninas e meninos são responsabilizados, manifestaram se incomodar com as penalizações mais evidentes sobre as meninas do que os meninos.

Os (as) estudantes revelaram que o diálogo escolar sobre educação sexual acontece principalmente nas aulas de Biologia, a gravidez na adolescência e as formas para preveni-la foram assuntos abordados durante as aulas, porém eles consideram que foram insuficientes, gostariam que as discussões fossem mais aprofundadas. Apresentaram vários fatores limitantes para a realização da educação sexual na escola, como salas superlotadas, o que dificulta o manejo de classe pelo professor ou professora; falta de tempo nas aulas de biologia devido à grande grade curricular que deve ser ministrada em apenas 2 horas semanais, falta de estrutura da escola; falta de interesse dos (as) estudantes; falta de políticas públicas que incentivem e valorizem o desenvolvimento da educação sexual na escola, o que torna abranger esse assunto durante as aulas uma tarefa nada fácil para os professores e professoras.

Nos diversos diálogos estabelecidos durante a realização dos grupos focais, os (as) estudantes manifestaram ansiar por uma educação sexual que extrapole as questões anatômicas e fisiológicas, portanto que ultrapasse as fronteiras da Biologia, que se expanda para as demais disciplinas e que aconteça nas demais séries de escolarização. Apontaram para a necessidade que sentem de se expressar, de dialogar e estabelecer trocas com seus semelhantes sobre suas experiências.

A partir das reflexões obtidas com os (as) estudantes nos grupos focais, pode-se concluir a necessidade de uma educação sexual abrangente, embasada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, que permita aos jovens, decidir de forma autônoma e responsável sobre sua sexualidade.

Portanto, como consequência da análise dos resultados, foi proposto um *e-book* destinado aos professores e professoras de Biologia, para tratar a temática com o público adolescente. Nele são compartilhados os caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, as reflexões geradas a partir da análise de resultados e sugestões didáticas sobre educação sexual.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281 - 315, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019
- BASTAGINI, G. M. P.; SOUZA, L. C.; TEIXEIRA, L. C. Educação em sexualidades e a gravidez na educação escolar. **Revista Tópicos Educacionais**, Recife, v. 26, n.1, p. 165 - 182, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- BARTASEVICIUS, D. M. M.; MIRANDA, M. A. G. Formação de Professores para a Prática de Educação Sexual nas Escolas. **Sisyphus**, Lisboa, v.7, p. 156 - 178, 2019.
- BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BRASIL. **Lei 13.798, de 3 de janeiro de 2019**. Acrescenta art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2019/Lei/L13798.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações sobre gravidez na adolescência**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 29 jun. 2017. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-do-adolescente-e-do-jovem/informacoes-sobre-gravidez-na-adolescencia2>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- DADOORIAN, D. **Gravidez na Adolescência: um novo Olhar**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, Mar. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012. Acesso em 14 jan. 2019.
- DAYRELL, J. (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, jan. 2003.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2014.

LERNER, T. *et al.* Sexualidade na Adolescência. p. 63-65. In: JESUS, N. F. (Org.). **Adolescência e Saúde 4**: Construindo saberes, unindo forças, consolidando direitos. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, Campinas, v. 19, n. 2, mai. - ago. 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MAGNABOSCO, L.; LORSCHIEDER, C. A. A prevenção da Gravidez Aliada ao Ensino de Biologia no Ensino Médio. In.: PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Dia a dia educação**: Portal Educacional do Estado do Paraná, Curitiba, 2016, p.01-19. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospd/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_bio_unespar-uniaodavitoria_luziamagnabosco.pdf. Acesso em 13 jan. 2019.

MAZZA, V. A.; MELO, N. S. F. O.; CHIESA, A. M. Grupo focal como técnica de coleta de dados de pesquisa qualitativa: Relatório de experiência. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 183-188, Jan./ Mar. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/14486>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

MONTEIRO, S. A. S; RIBEIRO, P. R. N. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Bahia, v. 1, p. 1-24, 2020.

MORAES, S. D. T. A. *et al.* Planejamento reprodutivo na adolescência. p. 67-71. In: JESUS, N. F. (Org.). **Adolescência e Saúde 4**: Construindo saberes, unindo forças, consolidando direitos. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018.

MORGAN, D. L. Focus Groups as Qualitative Research. 2nd ed. **Thousand Oaks**, California: Sage Publications, 1997. Disponível em: <https://www.kth.se/social/upload/6566/Morgan.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ONU BR. NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Taxa de gravidez na adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha**. 28 fev. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

OLIVEIRA, R. C. Adolescência, Gravidez e Maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, SP, 2008, v.17, n. 4, p. 93-102. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000400010. Acesso em: 15 jan. 2019.

OPAS. Organización Panamericana de la Salud. **La salud del adolescente y el joven en las Américas**. Washington, D.C., 1985.

QUINTANA, Mario. **Nariz de vidro**. São Paulo: Moderna, 1984.

SANTOS, B. R. *et al.* **Gravidez na adolescência no Brasil: Vozes de Meninas e de Especialistas**. Brasília: INDICA, 2017. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/br_gravidez_adolescencia_2017.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.

SANTOS, N. L. B.; GUIMARÃES, D. A.; DA GAMA, C. A. P. A Percepção de Mães Adolescentes Sobre seu Processo de Gravidez. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, MS. V. 8, n. 2, p. 83-96, Jul./dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v8n2/v8n2a07.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SANTOS, W. B. *et al.* Educação Sexual como parte curricular da disciplina de Biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafios. **Experiências em Ensino de Ciências**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 7-18, 2011. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID143/v6_n2_a2011.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Abstinência sexual na Adolescência: o que a ciência evidencia como método de escolha para prevenção de gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22302c-DocCient_-_Abstinencia_sexual_na_Adolesc.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.

TAQUETTE, S. R.; MINAYO, M. C. S. Ensino-Aprendizagem da Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 60-67, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 09 abr. 2020.

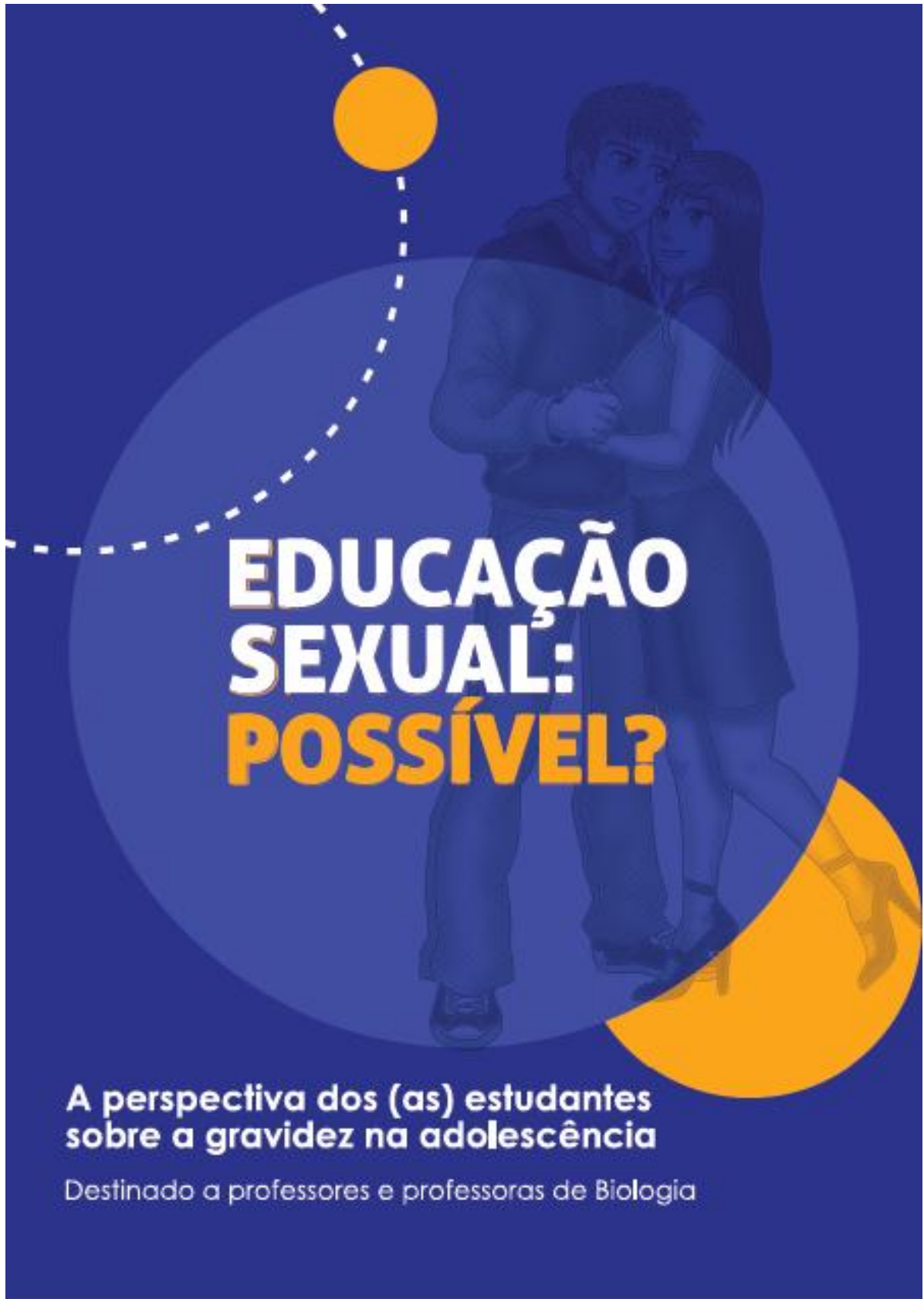
UNFPA. **Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência**. New York: UNFPA [arquivo na internet]. 2013. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2013.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 35 – 82.

APÊNDICE A – Roteiro dos grupos focais

QUESTÕES NORTEADORAS DOS GRUPOS FOCALIS

- Onde você aprende sobre sexualidade (escola, família, amigos, televisão, internet)?
- De quem você acredita ser a responsabilidade de ensinar sobre sexualidade?
- Seus pais conversam sobre sexo com você?
- Nas aulas de Biologia, você aprende sobre sexualidade? Como?
- Como você avalia a educação sexual recebida pela escola? Quais os aspectos positivos? Quais os aspectos negativos?
- O que você acha da gravidez na adolescência?
- Por que acontece a gravidez na adolescência?
- Quais as vantagens de ter um filho cedo? E as desvantagens?
- A gravidez na adolescência é enfrentada igualmente por meninos e meninas?
- Você aprendeu sobre prevenção à gravidez na escola?
- Na escola, esse assunto é abordado em outra disciplina além da Biologia? Qual (is) e como?
- Quais sugestões você daria para melhorar a educação sexual no Ensino de Biologia?

APÊNDICE B – *e-book*

**EDUCAÇÃO
SEXUAL:
POSSÍVEL?**

**A perspectiva dos (as) estudantes
sobre a gravidez na adolescência**

Destinado a professores e professoras de Biologia

ufjf | CAMPUS GV



Produto desenvolvido no PROGRAMA NACIONAL de MESTRADO PROFISSIONAL EM BIOLOGIA da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF - Instituição Associada), campus Governador Valadares, e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG – Instituição sede), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Dissertação: "Educação sexual no ensino de biologia e prevenção da gravidez na adolescência: ouvindo estudantes e falando para professores e professoras".

Mestranda: Laura Telles Medeiros

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gabriela Parenti Bicalho

GOVERNADOR VALADARES
2020



FICHA TÉCNICA

Diagramação e design: Agência MB
Ilustrações: Geferson Cristiano dos Santos

FICHA CATALOGráfICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Medeiros, Laura Telles

Educação sexual : possível? [livro eletrônico] : a perspectiva dos (as) estudantes sobre a gravidez na adolescência / Laura Telles Medeiros ; ilustração Geferson Cristiano dos Santos. — 1. ed. — Manhumirín, MG : Ed. da Autora, 2020.
 PDF

ISBN 978-65-00-13741-5

1. Adolescente - Conduta de vida 2. Educação sexual para a juventude 3. Gravidez I. Santos, Geferson Cristiano dos. II. Título.

20-51649

CDD-306.7088055

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação sexual : Juventude : Aspectos sociais
 306.7088055

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Dedico...

Ao meu filho Lucca, meu motivo para perseverar e lutar por dias melhores, à minha mãe Sônia, fonte infinita de amor e acolhimento e aos meus irmãos Diogo e Cássia, pelo apoio e incentivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.





O Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,
Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas
esse medo fascinante e fremente de
curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente
farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.
Medo que ofusca: luz!
Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
— vestida apenas com o teu desejo!

Mário Quintana

SUMÁRIO

Apresentação	06
Introdução	09
Capítulo 1 – Adolescência e juventude: categorias plurais	13
Capítulo 2 – Educação abrangente	16
Capítulo 3 – Educação sexual dialógica	20
Capítulo 4 – Estruturação positiva da sexualidade	23
Capítulo 5 – Oficinas Educativas	26
Oficina 1 – Sexo e gênero	28
Oficina 2 – Coisa de homem e coisa de mulher	30
Oficina 3 – Palavras e seus significados	33
Oficina 4 – Corpo de homem e corpo de mulher	35
Oficina 5 – Namorar e ficar	37
Oficina 6 – Diferenças entre gerações	40
Oficina 7 – Ser mãe ou ser pai... Agora ou mais tarde?	42
Oficina 8 – Cuidar e ser cuidado	44
Oficina 9 – Cuidar da vida	46
Oficina 10 – Identidade sexual e orientação do desejo	48
Oficina 11 – Métodos contraceptivos	51
Oficina 12 – Passe para frente o que você sabe	53
Oficina 13 – Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis	55
Capítulo 6 – A temática não se esgota por aqui...	58
Considerações finais - Educação Sexual: Possível?	67
Referências Bibliográficas	69



APRESENTAÇÃO



“O que eu faço, é uma gota no meio do oceano.
Mas sem ela, o oceano será menor.”

Madre Teresa de Calcutá

APRESENTAÇÃO

Fui filha única até os sete anos de idade, meu passatempo preferido era brincar de aulinha com minha mãe, que sendo professora alfabetizadora, me distraía com livros e folhinhas para colorir, enquanto preparava planos de aula para seus alunos e alunas de verdade.

Cresci acompanhando a correria dela entre reuniões pedagógicas, preenchimento de diários, elaboração de aulas, confecção de materiais pedagógicos, correção de provas e trabalhos... Ufa! Sem contar os afazeres domésticos e a maternidade... Eu percebia o tanto que minha mãe ficava cansada, mas me encantava vê-la sempre determinada, com sua voz doce e calma, engajada em mostrar para cada uma de seus alunos e alunas o fascinante caminho das letras e dos números.

À medida que cresci e conheci mais sobre o mundo, me identifiquei com muitas outras profissões... Já desejei ser bailarina, pintora, astróloga, médica, apresentadora de TV e cientista, mas sem dúvida nenhuma onde eu me sentia mais à vontade era na docência, e na busca de minha missão nessa vida, consegui encontrar meu caminho - me identifiquei como educadora.

Essa escolha já era evidente no Ensino médio, cursei científico pela manhã e magistério à noite. Fui uma professora estagiária solícita, adorava tomar leitura ou tabuada, olhar o recreio, ensaiar os (as) alunos (as) para festa do livro, substituir as professoras titulares quando precisassem... Enfim, esse mundo era onde eu queria estar.

Na Faculdade escolhi o caminho da Biologia, sempre fui fascinada pela natureza e por todos os fenômenos que envolvem a vida. Meu sonho era me especializar cada vez mais, mas então veio o casamento, o filho... E o desejo de fazer um mestrado foi adiado...

Nesse ano completo 18 anos atuando profissionalmente naquilo que na infância era minha brincadeira preferida. Atualmente leciono em dois cargos na rede pública estadual de Minas Gerais e um cargo na rede privada.

Nesses anos atuando como professora, afirmo com propriedade que nem tudo são flores, são muitos os espinhos enfrentados pela profissão... Quando me recordo da menina que fui, recordo também da inocência da infância, que imbuída de sonhos não mensurou os desafios... E não são poucos!

Porém, quando esses desafios me assolam e o desânimo se faz presente, lembro dos motivos que me levaram a trilhar por esse caminho... Respiro fundo e sigo caminhando...

Em 2018 tive a oportunidade de realizar um dos meus sonhos profissionais e comecei a cursar pela UFJF/GV o PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, um curso destinado aos (às) professores (as) de Biologia com uma abordagem de ensino investigativa.

Não tenho palavras suficientes para descrever minha alegria e satisfação em conhecer tantas pessoas, que assim como eu, também amam o que fazem e buscam cada vez mais recursos para se aperfeiçoarem. Gratidão a todos os meus parceiros e parceiras de turma e aos (às) professores (as) maravilhosos do mestrado que compartilharam seus conhecimentos comigo nessa jornada.

Ao escolher o tema para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) busquei por uma inquietação enquanto professora ao observar o gradativo aumento, nos últimos anos, do número de alunas adolescentes grávidas. É perceptível como esse período é difícil para elas, enfrentam muitos dilemas, dentre eles o emocional e o financeiro. Essas adolescentes nem sempre recebem o apoio de sua família e do pai da criança, que em algumas situações também é um adolescente e não tem maturidade adequada para lidar com o assunto. Essa situação sempre me preocupou bastante, visto que muitos desses meninos e meninas não retornam para a escola depois que o bebê nasce.

Observo que temas ligados à Educação Sexual, como sistema reprodutor, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre outros, despertam o interesse dos (as) estudantes, tanto nas aulas de Biologia do Ensino Médio quanto nas aulas de Ciências do Ensino Fundamental.

Considerando o interesse pelo assunto, sempre me indaguei sobre os motivos que levam as minhas alunas adolescentes, mesmo a par das informações ministradas nas aulas, engravidarem nessa fase de suas vidas, ou meus alunos adolescentes se tornarem pais, ambos precisando interromper os estudos e passando dificuldades financeiras e emocionais para criar o filho ou filha.

A gravidez não é a única preocupação relevante quando abordamos a sexualidade, mas sempre me mobilizou, despertando uma sensação de inquietação, que me incentiva a buscar caminhos para minha atuação como professora.

Portanto, minha escolha para o desenvolvimento do TCM não poderia ter sido outra. Com a orientação da professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho, iniciei um estudo cujo objetivo geral era analisar as percepções dos (as) estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola do interior de Minas Gerais sobre a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

Como produto do TCM, surgiu esse e-book, destinado aos professores e professoras de Biologia. Nele compartilho sobre os caminhos percorridos durante a pesquisa e as reflexões geradas a partir da análise de resultados, além de sugestões didáticas sobre educação sexual. Ele não tem a pretensão de apresentar fórmulas mágicas com soluções milagrosas, mas expressa o desejo de contribuir, nem que seja de forma singela, assim como uma gotinha de água perante a imensidão do mar...

Laura Medeiros
Agosto/2020

INTRODUÇÃO



“Os adolescentes estão moldando o presente e o futuro da humanidade.”

UNFPA

INTRODUÇÃO

Caminhos metodológicos percorridos até aqui...

A maternidade ou paternidade e todos os seus encadeamentos são construídos socialmente no decorrer do tempo e espaço histórico. Por ser um fenômeno social, nossa visão sobre a gravidez na adolescência mudou, por exemplo, se comparada à visão da época em que nossas avós ou bisavós eram adolescentes.

Minha avó paterna se casou aos 13 anos de idade e teve 11 filhos. Ela mal sabia ler e assinar o próprio nome, mas aqueles tempos eram bem diferentes dos de agora. Minha avó nos contava que seus pais não se preocupavam com seu estudo, a maior preocupação deles era que ela garantisse um casamento.

Hoje, a compreensão que temos sobre a gravidez na adolescência se enquadra nas expectativas de vida dos tempos atuais, esperamos que as jovens e os jovens amadureçam, completem os estudos, exerçam um trabalho para seu sustento e só depois constituam sua própria família.

Atualmente, o conceito de saúde está ligado ao princípio da integralidade, como direito de todos e dever do Estado, assim como o disposto no artigo 196 da nossa Constituição Federal de 1988.¹ Segundo esse conceito, saúde não significa apenas a inexistência de doenças, mas contempla fatores psíquicos e sociais, dentre eles a disponibilidade de condições adequadas à sobrevivência, como saneamento básico e alimentação adequada. Sendo assim, também se enquadram como parte da saúde integral o acesso à educação e o exercício de um trabalho digno.

O relatório sobre a maternidade precoce, produzido em 2013 pelo Fundo de Populações das Nações Unidas - UNFPA, afirma que 7,3 milhões de meninas menores de 18 anos dão à luz por ano no mundo. Desse total de partos, 2 milhões são realizados em meninas com menos de 15 anos de idade.



Em países em desenvolvimento aproximadamente setenta mil adolescentes falecem por ano por motivos decorrentes de uma gestação ou parto. Normalmente essas adolescentes pertencem a famílias pobres e possuem déficit nutricional. Quando a gestação ocorre logo depois das adolescentes alcançarem a puberdade, as chances de ocorrerem problemas de saúde são agravadas.²

Por conta da gravidez, muitas adolescentes precisam interromper os estudos para desempenharem o papel de mãe, sendo impedidas de desenvolverem todas as suas potencialidades, comprometendo sua capacidade de geração de renda e futuro.² Nessa perspectiva, a gravidez na adolescência, sobretudo nas camadas sociais mais baixas, é considerada precoce e torna-se alvo de preocupação de diversos setores da sociedade.³

A "saúde sexual e reprodutiva e o pleno gozo dos direitos" são essenciais na construção pelos (as) adolescentes das características que os identificam como pessoa, bem como sua disposição física e mental, seu progresso e capacidade de desenvolvimento individual.²

Nesse sentido, a escola se destaca como peça essencial para a formação do indivíduo e também para a evolução da sociedade. A educação sexual desenvolvida no âmbito escolar é defendida por muitos profissionais da área da educação e saúde, porém, como em muitas famílias esse assunto não é devidamente abordado, o professor ou professora, para muitos (as) adolescentes, torna-se a única pessoa com quem podem conversar e tirar suas dúvidas sobre conhecimentos relacionados à sexualidade, além de desenvolverem uma perspectiva nova sobre fatos a ela relacionados.⁴

Porém, essa tarefa não é nada fácil... A maioria dos professores e professoras de Biologia, eu me incluo nessa lista, não receberam em seus cursos de graduação uma preparação adequada para desenvolverem temas relativos à educação sexual com público adolescente.⁵

Entendendo as dificuldades enfrentadas pelos meus colegas de profissão e buscando respostas para os meus próprios anseios particulares, motivei-me pela pesquisa de cunho qualitativo, por meio da técnica de grupo focal com os (as) estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Alfredo Lima, localizada no Município de Manhumirim - MG.

O grupo focal é uma técnica que proporciona o diálogo entre os membros, através do debate sobre temas específicos a partir de tópicos. Possui cunho interpretativo e não descritivo, favorece resultados consistentes, uma vez que as respostas são produzidas por várias pessoas, possibilitando o aparecimento de novidades ou até mesmo pontos de vista inéditos.⁶

A proposta de compreensão da perspectiva dos (as) estudantes por meio da discussão em grupos focais fundamentou-se na perspectiva teórica que compreende que as expressões dos (as) estudantes pesquisados está ligada às

suas formas de viver o período do desenvolvimento em que se encontram, o qual se dá a partir de seu contexto sócio-cultural.

Ao final da pesquisa realizada, pude concluir que é necessária a educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, que permita aos (às) jovens fazer escolhas críticas e conscientes sobre seu futuro e o pleno desenvolvimento de sua sexualidade.

CAPÍTULO 1

Adolescência e juventude: categorias plurais



"Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica."

Juarez Dayrell

CAPÍTULO 1

Adolescência e juventude: categorias plurais

É importante construirmos uma percepção de adolescência e juventude que nos auxilie a lidar com os (as) jovens do nosso cotidiano, para tanto, devemos considerar as particularidades apresentadas em cada etapa da existência juvenil.⁷

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), disposto na Lei 8.069 de 1990,⁸ a adolescência é o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade e para a Organização Mundial de Saúde (OMS), juventude é o período considerado como preparatório para o sujeito apropriar-se do posto de adulto, compreendido entre a faixa etária de 15 e 24 anos.⁹

A adolescência também pode ser considerada como um período inicial de uma etapa mais extensa que é a juventude, enfatizada pelas modificações nas esferas biológicas, psicológicas e sociais manifestadas nesse período da vida. Sob uma perspectiva, pode abranger modificações comuns em indivíduos de certo intervalo de idade, e sob outra perspectiva, as construções sociais e históricas relativas a esse período de vida.⁷



Logo, além das definições unicamente cronológicas, quando nos referimos às categorias juventude e adolescência, precisamos ter em mente sua diversidade e pluralidade. Elas devem ser vistas como condição e não como estado, portanto, deve-se analisar o cenário político e histórico em que estão inseridas, levando-se em consideração as muitas características que essa pluralidade pode significar, como por exemplo, aspectos relativos a gênero, classe social, raça, habitação, educação, saúde, entre outros.¹⁰

A juventude deve ser percebida como categoria plural, evidenciando que existem muitas maneiras de ser jovem, devemos entendê-la na perspectiva da diversidade, como parte de um mecanismo mais complexo, que ganha especificidades de acordo com as vivências sociais e não está presa a padrões específicos.¹¹

A mesma perspectiva de diversidade deve ser utilizada para compreender a adolescência, as circunstâncias de sua vivência social devem ser acrescidas a sua natureza biológica. Ainda que exista uma faixa etária que englobe determinadas características, a adolescência não pode ser caracterizada de forma global, com regras que abrangem a todos indistintamente, por essa razão fala-se em “adolescências”, no plural, expressão possível de abranger todas as formas de viver dessa categoria.¹²

Diante do exposto, os (as) estudantes participantes da pesquisa apresentada, que se encontram na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade, se enquadram tanto na adolescência como na juventude, visto que o estudo se baseou em pontos de vista sociais e também relativos à saúde física e psíquica dos envolvidos, diante disso, considera “adolescências” e “juventudes” em seus respectivos plurais, buscando abranger a diversidade de sentidos que essas denominações podem implicar.

CAPÍTULO 2

Educação sexual abrangente



“As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas.”

Guacira Lopes Louro

CAPÍTULO 2

Educação sexual abrangente

A sexualidade, presente em diferentes fases da vida de formas diversas, constitui objeto de estudo de muitas disciplinas, com inúmeras abordagens. Além de nossa estrutura física, nossa sexualidade está ligada às nossas convicções, anseios e pensamentos.¹³

A maneira de viver o gênero e a sexualidade nos é ensinada pela cultura, varia de geração em geração, de acordo com o período vivido e de uma cultura para a outra. Aprendemos por meio dos "discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos".¹⁴

Debates relacionados às questões de gênero e sexualidade passaram a figurar na narrativa social e política brasileira a partir da Constituição de 1988.¹⁵

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propuseram a educação sexual, nomeada de orientação sexual, como um tema transversal que deveria ser desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento e em todos os ciclos de escolarização.¹⁶

Segundo esse documento, a orientação sexual desenvolvida no ambiente escolar favorece a compreensão e reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos, permitindo que crianças, jovens e adultos adquiram conhecimentos para deliberarem sobre suas escolhas.

Porém nos últimos anos, uma onda conservadora, imbuída de princípios morais particulares de ordem ideológica ou religiosa, vem se destacando no cenário político e social nacional, frustrando muitas pautas conquistadas e reprimindo novos progressos.¹⁵ Nesse contexto, foi aprovada em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que rege atualmente a educação brasileira.¹⁷



Ao contrário do que prescreviam os PCN, o documento atual retirou do seu texto conteúdos associados a gênero e sexualidade, restringindo a educação sexual a uma visão biológica, enfatizada nos conceitos relacionados à anatomia e fisiologia reprodutivas.¹⁵

A inexistência de um debate na escola, envolvendo esses temas, coopera para a perpetuação de comportamentos intolerantes e discriminatórios, corroborando com uma perspectiva conservadora e discriminatória.¹⁸

A educação brasileira encontra-se, então, na contemporaneidade, limitada por entraves estabelecidos pela perspectiva limitada e impregnada de preconceitos, que contesta e inibe a educação sexual no âmbito escolar.

Porém embora haja, na atual BNCC, uma negligência curricular referente ao temas gênero e sexualidade, os princípios universais da educação regida pelo Estado, garantem uma escola pública, gratuita e laica.^{15,18}

Por essa razão, enquanto educadores (as), nós necessitamos operar para que condutas e posicionamentos preconceituosos sejam abolidos do ambiente escolar, possibilitando progresso na discussão desses temas e combatendo pontos de vistas excludentes e discriminatórios.^{15,18}

Os (as) estudantes, participantes da pesquisa, demonstraram, nas discussões estabelecidas nos grupos focais, possuir conhecimentos sobre sexualidade. Deixaram claro saber que sexualidade é um conceito que vai muito além do ato sexual, abrangendo questões alusivas a gênero, formas de se relacionar, gostos e preferências.

Com relação à responsabilidade de ensinar questões relativas à sexualidade, apontaram ser da família e da escola e afirmaram que aprendem sobre o tema no ambiente familiar, escolar e principalmente na internet.

Na avaliação que fazem da educação sexual recebida no âmbito escolar, julgaram o conteúdo abordado bom, porém muito básico, restringindo-se às questões anatômicas e fisiológicas. Gostariam que as discussões fossem mais aprofundadas e que ocorressem com maior frequência.

Sobre a gravidez na adolescência e as formas para preveni-la, relataram que foram assuntos abordados durante as aulas de Biologia, mas de forma superficial.

Os (as) adolescentes, participantes da pesquisa, demonstraram perceber que a gravidez na adolescência não é enfrentada igualmente por moças e rapazes. Evidenciaram que a responsabilidade na criação da criança recai mais sobre a moça e que ela recebe mais julgamentos da sociedade que o rapaz.

O Fundo de Populações das Nações Unidas, no relatório sobre a Maternidade divulgado em 2013, refuta a prática desenvolvida em muitos

países, para prevenir a gravidez na adolescência, de focar somente na mudança de conduta feminina como solução para o problema, por pressupor que a responsabilidade pela prevenção é apenas da jovem, desconsiderando os fatores que levam a sua ocorrência e omitindo a participação masculina.²

A educação sexual tem maior chance de ser efetiva se for “abrangente”, ou seja, desenvolvida de acordo com a faixa etária fornecendo informações claras, pertinentes, científicas, livres de julgamentos e promovendo a cidadania.²

Dessa maneira, a prevenção da gravidez na adolescência deve considerar os vários determinantes sociais e econômicos que levam a sua ocorrência, bem como as questões de gênero, incluindo a participação masculina.

CAPÍTULO 3

Educação sexual dialógica



QUEM ENSINA APRENDE...

QUEM APRENDE ENSINA...

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

CAPÍTULO 3

Educação sexual dialógica



Quando indagados sobre como gostariam que fossem as aulas de Biologia relacionadas à educação sexual, os (as) participantes da pesquisa citaram que gostariam de aulas mais dialogadas e dinâmicas, nas quais pudessem compartilhar suas dúvidas mais à vontade. Apontaram a necessidade que sentem de se expressar, dialogar com seus semelhantes sobre suas experiências e abordar a educação sexual mais vezes durante o ano letivo e em todas as séries.

Baseado no exposto evidencia-se o retrocesso imposto pela atual BNCC, ao ignorar a transversalidade da educação sexual prescrita pelos PCN e restringir a abordagem do tema a uma visão biológica e reprodutiva. Essa perspectiva não atende os anseios dos (as) adolescentes pesquisados e não contempla a noção de sexualidade como construção sociocultural.

A perspectiva da educação dialógica coloca-se como proposta importante para a educação sexual de adolescentes e jovens, considerando a pluralidade das diversas maneiras de ser jovem e as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade. As incertezas manifestadas por eles nessa fase da vida se enquadram entre os múltiplos aspectos envolvidos na formação integral do ser humano, que envolve questões afetivas, sociais, culturais e sexuais.⁵

Mas, o que é ensino dialógico?

O ensino dialógico é muito diferente de um ensino dito normalmente como tradicional, onde o (a) professor (a) fala e o aluno (a) escuta, ou seja,

professores (as) transmitem o conhecimento e alunos (as) o reproduzem. Nele, as duas partes se comunicam, não através de um bate papo sem direcionamento, o ponto de partida é a vivência dos (as) estudantes e o (a) professor (a) se porta como um (a) facilitador (a), conduzindo, através de indagações, a aprendizagem.

A inspiração para a educação dialógica encontra-se nos estudos de Paulo Freire, para quem o diálogo escolar não inicia quando professores e professoras situam-se em um contexto de ensino-aprendizagem com estudantes, mas sim, na procura do (a) professor (a) pelo conteúdo programático, quando este (a) se questiona sobre qual assunto vai dialogar.¹⁹ O conteúdo programático não deve ser imposto aos (às) estudantes, mas problematizado de tal forma que os leve a desenvolver um pensar crítico sobre sua própria humanidade.

Para Freire, o conteúdo programático surge a partir do diálogo com os (as) estudantes e representa seus desejos e expectativas, estes são os geradores da temática que servirá como ponto de partida do processo educativo.

Na prática em sala de aula, percebemos que o interesse do (a) estudante é maior quando o assunto está ligado à sua vivência, provavelmente por isso, temas relacionados à sexualidade recebem bastante atenção, principalmente de adolescentes, que encontram-se na fase da vida em que acontecem muitas descobertas no campo da sexualidade.

Desse modo, empreender a educação sexual de forma dialógica permite uma maior aproximação entre estudantes e professores, possibilitando que juntos construam conhecimentos voltados para a consciência crítica e a tomada de atitude.

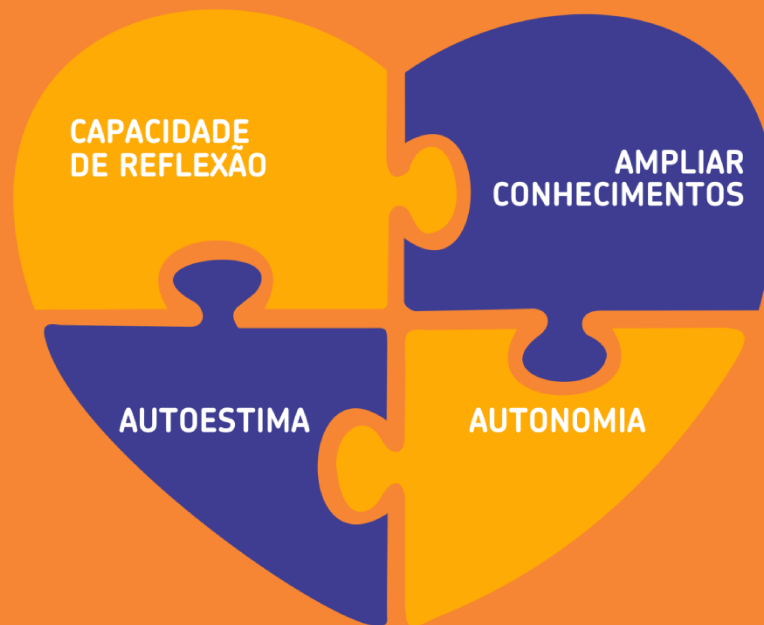
Portanto, o papel do educador e da educadora não é impor sua visão de mundo, mas propor situações problemas que levem os (as) estudantes a questionar e buscar soluções, não apenas no campo do pensamento, mas principalmente no campo da ação, possibilitando refletir e agir na transformação de sua condição no mundo.¹⁹

O propósito fundamental da educação sexual no ambiente escolar é criar possibilidades de reflexão, diálogo e desenvolver opinião crítica para a vivência responsável da sexualidade.²⁰ Quando os (as) adolescentes compreendem sua sexualidade como responsabilidade, entendem que suas ações estão relacionadas com o cuidado e a saúde.⁴

Desse modo, é fundamental que a educação sexual no ambiente escolar não seja somente informação teórica, mas que seja fruto dos sentimentos e vivências dos (as) estudantes. É importante propiciar espaço de expressão de vivências, discussão de situações concretas e contextualizadas, para que os conhecimentos sejam apreendidos e empregados. Tão importante quanto receber a informação é aprender a utilizá-la.²¹

CAPÍTULO 4

Estruturação positiva da sexualidade



“A saúde sexual e reprodutiva e o pleno gozo dos direitos são fundamentais para a transição dos adolescentes para a vida adulta e vitais para a identidade, saúde, bem-estar, desenvolvimento e crescimento pessoal dos adolescentes, bem como para a realização de seu potencial na vida.”

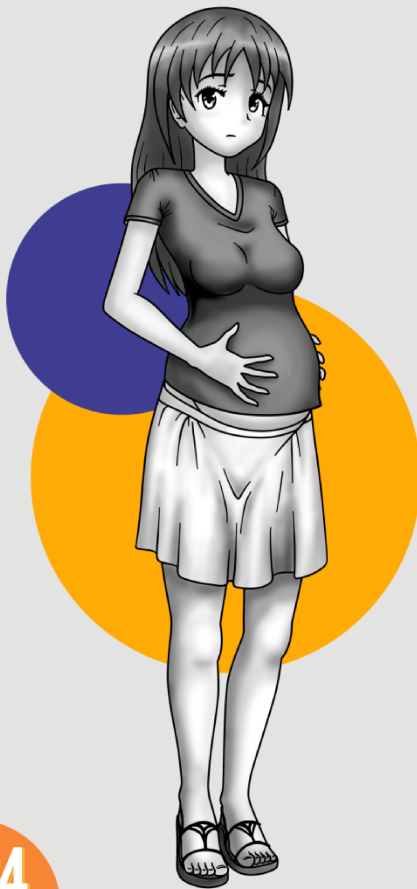
UNFPA

CAPÍTULO 4

Construção positiva da sexualidade

Pesquisas realizadas com adolescentes grávidas mostram um aspecto paradoxal: é muito comum ouvi-las dizer que estão felizes com a possibilidade de experimentar a maternidade e que desejam o filho ou filha, mesmo levando em consideração as circunstâncias críticas que essa situação lhes impõe, como o abandono dos estudos e a ausência de independência econômica.²

O fato mencionado se confirma, sobretudo, nas camadas sociais mais necessitadas, o nascimento de um filho ou filha pode representar a convicção de ter-se alcançado de forma decisiva, mesmo que incompleta, a posição de adulto na sociedade, mesmo que outros fatores de passagem para idade adulta como término dos estudos, aquisição de emprego e constituição de sua própria família não tenham sido alcançados.²³



Na ausência de perspectivas sobre o futuro, algumas adolescentes podem almejar um (a) filho (a) com a intenção de vivenciarem relações afetivas ou aproximarem-se do parceiro. Através da maternidade percebem a oportunidade de demonstrarem ser maduras e possuir responsabilidade. Quando percebem que não possuem outras opções, acreditam que não têm nada a perder, e provavelmente a ganhar, como o (a) filho (a), relação amorosa e ascensão ao status de adulta.²

Ao buscar possíveis causas para a ocorrência da gravidez na adolescência, percebemos que a justificativa para esse fato vai muito além do desconhecimento de métodos contraceptivos pelos (as) jovens, envolvem questões psicológicas, culturais, sociais e econômicas. Percebemos que a gravidez na adolescência é considerada precoce, mas nem sempre indesejada, pois como vimos, muitas adolescentes

aproximam-se dessa realidade, buscando na maternidade encontrar seu papel na sociedade.

Programas que obtiveram êxito na prevenção da gravidez na adolescência demonstram que é importante mudar o foco limitado às meninas, para uma abordagem mais completa que viabilize a construção de sua autonomia, permitindo-lhe decidir sobre sua vida, inclusive com relação à sexualidade, mostrando-lhe alternativas para que tornar-se mãe não seja sua única possibilidade.²

Este novo modelo de enfrentamento deve ter como meta combater a conjuntura que propaga a gravidez na adolescência e que também discrimina as adolescentes grávidas. As meninas necessitam de atendimento em serviços de saúde sexual e reprodutiva. São também necessárias políticas públicas que amenizem as imposições econômicas e sociais relacionadas à gravidez na adolescência, como também as dificuldades sociais e distúrbios de saúde que dificultam a efetivação de suas potencialidades.²

Ainda que as mulheres sejam mais penalizadas no decorrer de suas vidas pelas convenções sociais danosas relativas ao gênero, as sociedades também educam seus representantes do sexo masculino, eles são estimulados a certificar sua masculinidade resistindo à dor, correndo perigos, sendo o chefe da família e possuindo muitas parceiras sexuais. Ocupar essas funções representa as maneiras aceitas pela sociedade para os homens afirmarem sua virilidade.²

Portanto, cabe à escola, ao discutir questões relacionadas ao gênero, contribuir para o desenvolvimento da autoestima e autonomia dos adolescentes e das adolescentes, ampliando seus conhecimentos e capacidade de reflexão, possibilitando dessa maneira que construam e vivenciem de forma positiva sua sexualidade.

CAPÍTULO 5

Oficinas Educativas



“A Educação, qualquer que seja ela,
é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.”

Paulo Freire

CAPÍTULO 5

Oficinas educativas

Nos diversos diálogos estabelecidos durante a realização dos grupos focais, os (as) estudantes manifestaram ansiar por uma educação sexual que extrapole as questões anatômicas e fisiológicas, portanto que ultrapasse as fronteiras da Biologia, que se expanda para as demais disciplinas e que aconteça nas demais séries de escolarização. Apontaram para a necessidade que sentem de se expressar, de dialogar e estabelecer trocas com seus semelhantes sobre suas experiências.

Atendendo a sugestão dos (as) estudantes que participaram dos grupos focais e entendendo a necessidade de uma educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, serão apresentadas ideias de oficinas voltadas para a abordagem da temática com o público adolescente.

O modelo de oficinas possibilita às pessoas falarem de si, fazerem autorreflexão, perceberem o que não sabem ou sabem precariamente. Nesse modelo a aprendizagem se processa de forma compartilhada através de dinâmicas e discussões em grupo, possibilitando a reflexão e tomada de atitudes críticas diante dos temas abordados.²⁴

A abordagem dos temas se dará por meio de rodas de conversa utilizando vários recursos como vídeos, músicas e textos. Esses recursos consistem em importantes mecanismos para atrair a atenção dos (as) adolescentes, devido ao impacto provocador que causam, valendo-se de correlações com as situações reais.²⁴

As oficinas terão como facilitadores (as) os professores e professoras, que serão responsáveis por fomentar as discussões e problematizar os temas abordados. Eles devem planejar as atividades com antecedência, baseando-se nos tempos e espaços de trabalho disponíveis, com autonomia para modificar, adaptar ou acrescentar temas e tópicos nas oficinas propostas, de acordo com a realidade de seus estudantes.

OFICINA 1

Sexo e gênero

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Reconhecer e avaliar as próprias representações acerca dos papéis sexuais e das relações de gênero.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Selecionar antecipadamente diferentes objetos que, pela forma, textura ou uso no cotidiano, tendam a ser associados a homens ou mulheres.

Sugestões de objetos: carrinho de brinquedo, caminha de brinquedo, boneca, boneco guerreiro ou super-herói, martelo, cristal com arestas, flocos de algodão, sabonete perfumado, preservativo masculino, revólver de brinquedo, fralda de bebê, fogãozinho, talco infantil, chave de fenda, etc.

2. Explicar ao grupo que será desenvolvido um jogo de associações e em que consistirá esse jogo: alguns(as) voluntários(as) terão os olhos vendados e formarão um círculo no centro da sala; os demais permanecerão em um círculo externo como observadores(as). Na mão de cada pessoa que está de olhos vendados, será colocado um objeto, que ela deverá apalpar,

cheirar e cujas qualidades ela vai descrever, quando o(a) facilitador(a) tocar seu ombro.

3. Organizar os dois círculos, vendar os olhos dos participantes do círculo de dentro e colocar nas mãos deles os objetos selecionados.

4. Ir tocando no ombro de cada pessoa do círculo interno e pedir que ela diga, em voz alta, as características do objeto e se o associa ao feminino ou ao masculino. Ir anotando em uma folha ou painel a identificação do objeto, as características atribuídas a ele e a associação feita. Explicar ao grupo que não tem grande importância descobrir de que objeto se trata.

5. Depois que os participantes tiverem se manifestado, solicitar que tirem a venda e olhem o objeto.

Sugestões para reflexão:

- Levar o grupo a rever e analisar as associações feitas com o masculino e com feminino e o que teria motivado tais associações: as características do objeto e as características anatômicas do corpo do homem ou da mulher? As características dos objetos e as ideias que temos de como os homens e as mulheres sentem? O uso ou a função do objeto no cotidiano?
- Levar o grupo a perceber que temos uma imagem de masculino e de feminino e que essa imagem tem componentes sensoriais, inconscientes, alguns derivados de analogias com as características anatômicas do corpo do homem e da mulher ou com papéis, qualidades e valores atribuídos pela cultura ao feminino ou ao masculino.
- Levar o grupo a discutir o que constitui diferença biológica entre o homem e a mulher e o que constitui diferença cultural. Mostrar que as diferenças não têm, necessariamente, de ser transformadas em desigualdades, em distribuição desigual de poder entre os sexos.

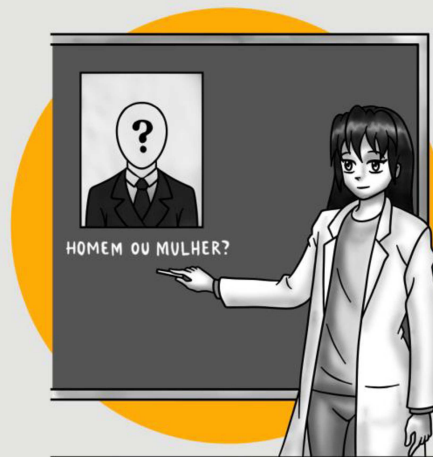
OFICINA 2

● *Coisa de homem, coisa de mulher* (Adaptada²⁶)

Objetivo:

- Proporcionar um espaço de reflexão e debate sobre certos comportamentos e situações que circundam o cotidiano de meninos e meninas, homens e mulheres, a fim de desnaturalizar certas noções que atravessam nossos imaginários.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Divida o quadro ao meio, escrevendo de cada lado os termos "homem" e "mulher", em seguida peça aos (as) estudantes que citem alguma(s) palavra(s) referente(s) às características que considerem pertencentes a cada um dos gêneros de acordo com seus imaginários, sem associar a uma noção de certo ou errado.
2. A partir das expressões escritas no quadro, inicie o debate questionando como os(as) estudantes enxergam, de forma geral, demandas sociais sobre como devem se comportar o homem e a mulher. Como determinados estereótipos justificam algumas vulnerabilidades que atravessam os gêneros masculinos e femininos.

3. Em seguida, apresente no data show ou entregue aos participantes o texto "Faca sem ponta, galinha sem pé" – Ruth Rocha. Nesse texto, a autora, explora alguns papéis representados pelos gêneros masculino e feminino, construídos e naturalizados pelo senso comum. Apresentam-se comportamentos peculiares que se estabelecem no dia a dia de um casal de irmãos, que têm a oportunidade de trocar suas identidades um com o outro e lidar com o universo que, a princípio, não lhes pertence, garantindo, assim a possibilidade de novos olhares e vivências. Ainda que seja uma história infantojuvenil, além de contemporâneas, as problematizações e intrigas trazidas no livro podem ser adaptadas ao público jovem e adulto.

Texto: FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ – RUTH ROCHA²⁷

Esta é uma história de dois irmãos: Joana e Pedro. Os problemas que eles tinham não eram diferentes de todos os irmãos. Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de menino, tais quais jogar bola, subir em árvore. Porém, ela tinha que se comportar como menina.

Joana implicava com o irmão por ele, às vezes, ter "atitudes femininas", como chorar por causa de um filme triste, ou ficar se olhando no espelho.

Os dois sofriam cobranças de atitudes "correspondentes" com seu sexo por parte de seus pais, como: "menina tem que ser delicada, boazinha..."

Ou "Filho meu não foge! Volte pra lá já já e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!"

Um dia, tinha chovido muito e os dois, voltando da escola, passaram por debaixo do arco-íris e mudaram de sexo. E a situação se complicou.

Vocês não podem imaginar o rebuliço que foi na casa deles quando contaram o que tinha acontecido! Seus pais ficaram muito preocupados, principalmente com a situação de Pedro. Está bem que a gente vista o Joana de homem. Afinal, as mulheres hoje em dia só querem se vestir de homem. Mas como vestir a Pêdra de mulher?

Ao irem para a escola, no dia seguinte, Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha de cerveja que estava no chão.

- Vamos parar com isso? – disse Joano.
- Menina não faz essas coisas.
- E eu sou menina?
- reclamou Pêdra.
- É, não é?

- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, de empinar papagaio, de pular sela... - Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano. - Mas é que todo

mundo diz isso – disse Pêdra. – Que menina não joga futebol, que mulher é dentro de casa... - Pois é, agora aguenta! Não pode, não pode, não pode!

Joano e Pedra deram as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E, final-mente, perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, abraçaram-se e começaram a voltar para casa. Então, Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa (ROCHA, 2009).

Sugestões para reflexão:

- “Menina tem que ser delicada e boazinha”, “meninos são corajosos e fortes”. Vocês acham correto generalizar sobre os comportamentos e personalidades dos gêneros masculino e feminino? Por quê?
- Vocês acham que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Justifiquem suas respostas.

OFICINA 3

● **Palavras e seus significados**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Incentivar o grupo a explicitar e questionar preconceitos e mitos acerca da reprodução e do prazer sexual de homens e mulheres.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Distribuir entre os participantes cartões com palavras escritas (uma em cada cartão). Sugestões de palavras: mar, viagem, pau, carro, flor, aranha, mão, botão, perereca, leite, bola, veado, cama, árvore, nuvem, grilo, laranja, banana, pinto, pistola, sangue, casa, quarto, sapato, verde, estrela, sol, livro, cachorro, barata, cadela.

Selecionar tanto palavras mais neutras, quanto palavras com conotação positiva e negativa e, dentre estas últimas, colocar termos que tenham duplo significado, um deles com conotação sexual. O objetivo é mostrar que as palavras têm o poder de acariciar ou agredir, porque são carregadas de julgamentos de valor.

2. Pedir a cada pessoa que vá dizendo o que a sua palavra lhe lembra, numa livre associação de ideias.

3. Facilitar a relação também com sexo e sexualidade, e em seguida, fomentar uma discussão sobre estas associações, refletindo sobre como as palavras são carregadas de valores, como elas podem ser positivas ou negativas, delicadas ou agressivas, pejorativas ou agressivas.
4. Escrever no quadro ou em uma cartolina os nomes técnicos dos órgãos genitais e de vivências sexuais (um em cada folha): pênis, testículos, vagina, vulva, clitóris, relação sexual, ânus, seio, masturbação, coito.
5. Solicitar aos participantes que escrevam em cada folha todos os nomes e expressões populares ou familiares que se refiram ao nome técnico colocado na cartolina.
6. Deixar que se expressem livremente, que riem à vontade.
7. Pedir a um participante do grupo que leia em voz alta todos os "apelidos" listados.

Sugestões para reflexão:

- Como você se sentiu fazendo a atividade? Por que as pessoas riem tanto? Por que será que existem tantos nomes populares e familiares para os órgãos e funções sexuais? Que nomes são mais pejorativos ou agressivos? Por que usamos tantas palavras ligadas ao sexo para xingar e agredir? Qual a importância de conhecer tanto os nomes técnicos quanto os apelidos? Vocês acham que existem nomes mais certos? Por quê? Que nomes usaremos aqui?
- Vocês acham que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Justifiquem suas respostas.

OFICINA 4

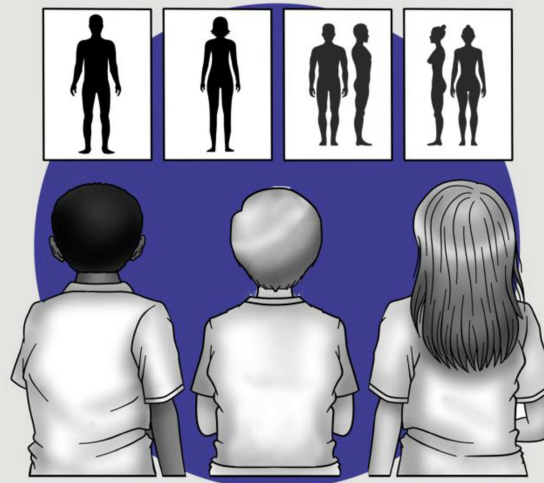
● **Corpo de homem e corpo de mulher** (Adaptada²⁶)

Objetivo:

- Retificar, ratificar e ampliar os conhecimentos do grupo acerca dos órgãos genitais do homem e da mulher.

- Sensibilizar os participantes para cuidar do próprio corpo reprodutivo e erótico e do corpo de seus parceiros ou parceiras sexuais.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Levar, previamente desenhados em duas folhas de papel pardo, dois contornos da figura humana (um em cada folha): um representando o corpo de um homem; o outro, o corpo de uma mulher.
2. Dividir o grupo em dois subgrupos (um de meninos e outro de meninas).
3. Pedir a cada subgrupo que complete o desenho representando o corpo erótico e reprodutivo do outro sexo (estruturas e órgãos do corpo e, em especial, do aparelho genital do outro sexo), com seus nomes (técnicos

e/ou populares conforme tenha sido combinado anteriormente). Os rapazes vão completar o desenho do corpo feminino; e as moças, o do corpo masculino.

4. Esclarecer que cada grupo deverá escolher um relator para apresentar o trabalho e que a apresentação deverá conter a explicação das características e a função de cada órgão ou estrutura na relação sexual e no prazer (resposta sexual) e na reprodução.

5. Organizar a apresentação dos grupos e abrir espaço para que, após a apresentação, os membros do outro grupo esclareçam dúvidas ou corrijam equívocos.

6. Avaliar com o grupo as apresentações, verificando a correção das informações, a clareza da explicação e a referência tanto ao papel dos órgãos e estruturas na resposta sexual quanto na reprodução. Ressaltar que, além dos órgãos genitais, outros órgãos, partes e funções do corpo participam do erotismo e do prazer sexual.

7. Levar desenhos ou modelos tridimensionais dos órgãos e estruturas do aparelho genital para retificar e complementar as explicações.

Sugestões para reflexão:

- Para você, o que significa conhecer o próprio corpo?
- É importante que homens e mulheres conheçam o próprio corpo? Por quê?
- Existem diferenças entre o erotismo do homem e da mulher? Explique.
- Que tipo de cuidado o homem deve ter com seu corpo erótico e reprodutivo? E a mulher?

OFICINA 5

● **Namorar e ficar** (Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Refletir sobre as relações entre sexo e afetividade nas relações de intimidade entre jovens.

- Discutir as representações das relações eróticas, da paixão e do amor veiculadas pela arte e pela mídia.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Convidar os participantes a dançar em roda, aos pares, ou em pequenos grupos ao som de três canções populares que falem de namoro, amor e paixão. Sugestões de canções: Já sei namorar, de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown; Minha namorada, de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes; Xote das meninas, de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e José Roberto Molina.

2. Dividir a turma em três subgrupos e entregar a cada um deles a letra de uma das canções.

3. Explicar que cada subgrupo vai discutir a letra da canção para inferir:

- de quem poderia ser a voz que fala na letra da canção;
- como essa voz fala do namoro, do amor ou da paixão;
- se a representação do namoro, do amor ou da paixão se parece com o que acontece na realidade.

4. Combinar que cada subgrupo terá de encontrar uma forma criativa de apresentar o resultado da discussão para os colegas.

5. Após as apresentações, provocar o grupo a se manifestar sobre o sentido do ficar, do namoro e das relações de intimidade entre os jovens, usando a seguinte técnica:

- O grupo vai se organizar em duas rodas, uma dentro da outra, com as pessoas de frente umas para as outras, formando pares.
- As duas rodas vão girar para a direita ao som de uma música.
- Quando a música parar, o facilitador fará uma pergunta que deverá ser discutida pelo par que se formar.
- Assim que a música recomeçar, as rodas voltarão a girar até que a música pare novamente e cada um esteja em frente de uma outra pessoa.
- O facilitador fará, então, outra pergunta que será discutida pelo par e, assim, sucessivamente.

Sugestões de perguntas:

- Você acredita em amor à primeira vista?
- O que faz uma pessoa "ficar" com outra?
- Quais são os sentimentos e emoções relacionados ao "ficar"?
- O "ficar" para os meninos tem o mesmo significado que para as meninas?
- Há medos envolvidos no ato de "ficar"? Quais?
- O que vocês pensam do menino que "fica" com várias pessoas?
- O que vocês pensam da menina que "fica" com várias pessoas?
- O que seus pais pensam sobre "ficar"?

- O "ficar" inclui intimidade afetiva?
- Quando é que o "ficar" pode se transformar em namoro?
- Namorar é um compromisso sério?
- O que é namoro para você?
- Tem de existir amizade entre namorados? Por quê?
- Tem de existir paixão entre os namorados?
- Para você, o que é um namoro que dá certo?
- Para você, existe diferença entre paixão e amor?

6. Refazer o grande círculo e dar oportunidade para que os participantes comentem o que ouviram dos colegas.

7. Solicitar que os participantes façam registros livres sobre o que aprenderam de significativo na oficina.

8. Dar oportunidade para o grupo compartilhar sentimentos e percepções.

OFICINA 6

● **Diferenças entre gerações** (Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Compreender que a subjetividade e as relações de intimidade são construídas socialmente e, portanto, podem se transformar.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Solicitar previamente que os participantes pesquisem com seus pais e avós como era a maneira de agir, vestir-se, comportar-se, namorar, etc., na época em que eram adolescentes. Solicitar também que construam um quadro, preenchendo a primeira e a segunda coluna com as informações obtidas e a última coluna, com sua maneira (e a de seus conhecidos e amigos) se comportarem.
2. Pedir que os participantes apresentem os dados registrados na pesquisa e coordenar o debate sobre as transformações de comportamentos ao longo das gerações.

Sugestões de reflexão:

- Você discorda de algum ou de alguns comportamentos da geração de seus pais ou avós? Quais? Explique.
- Que costumes ou comportamentos você acha que deveriam ter-se mantido e que você gostaria de colocar em prática na sua vida?
- No passado, as relações de intimidade eram baseadas em muito compromisso; hoje, as pessoas parecem ter medo de compromisso. Você concorda com essa afirmativa? Explique.
- Você gostaria que alguma coisa fosse diferente nas suas relações de intimidade sexual ou afetiva? Pense nas suas relações de amizade, de paquera, de namoro, nas suas relações com seus pais e irmãos.

OFICINA 7

● **Ser mãe ou pai... Agora ou mais tarde?** (Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Possibilitar aos adolescentes e às adolescentes uma reflexão sobre o impacto que um filho ou filha teria em suas vidas, no momento presente e no futuro, bem como sobre os vários contextos sócio-culturais e características individuais, que poderiam ocorrer em função de uma gravidez na adolescência.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Divida os (as) estudantes em grupos, peça que reflitam e troquem informações sobre as maneiras que um (a) filho (a), nessa etapa da vida, poderia afetá-los (as).
2. Após esse momento, reúna todos os grupos em uma única roda de conversa para que compartilhem os tópicos da discussão.

Sugestões para reflexão:

• Refletir as mudanças positivas e as negativas sobre os vários contextos sócio-culturais que podem ocorrer por conta de uma gravidez na adolescência, tais como:

1. Educação/Carreira
2. Amigos/Vida social
3. Finanças/Dinheiro
4. Rotina Diária

• Haveria diferenças no efeito que um filho pode ter na vida de uma moça e na de um rapaz?

Ao final, depois que todos os tópicos foram levantados e discutidos, permitir que os (as) estudantes elaborem uma conclusão sobre a questão: ser mãe ou pai... agora ou mais tarde?

OFICINA 8

● **Cuidar e ser cuidado**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Ampliar a percepção sobre o que é cuidar, as diferentes formas de cuidar, e sua importância no cotidiano.

- Incentivar o grupo a refletir sobre as atitudes de homens e mulheres no que se refere ao cuidado consigo mesmos, com os outros e com o ambiente.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Entregar balões de cores variadas, um para cada participante.
2. Solicitar que cada pessoa escreva sobre seu balão e o identifique, usando canetas coloridas ou outros recursos disponíveis (etiquetas adesivas, fitas coloridas, etc.).
3. Explicar que, quando a brincadeira se iniciar, cada um terá de rebater seu balão, mantendo-o sempre no alto.

4. O dono ou a dona do balão que cair no chão sairá do jogo e ficará observando os demais.
5. Combinar que o balão branco representará o grupo e que ele também deverá ser rebatido para o alto.
6. Explicar que todos terão de cuidar do balão branco, evitando que ele caia no chão e voltando a jogá-lo para o alto quando ele cair.
7. Dar o sinal de início da brincadeira e rebater o balão branco para o meio do grupo.
8. Terminada a brincadeira (ou porque muitos já deixaram seus balões caírem ou porque o tempo previsto se esgotou), provocar a reflexão dos participantes: Foi difícil manter o próprio balão no alto? Alguém o ajudou a "salvar" seu balão? Você ajudou a "salvar" o balão de alguém? O que aconteceu com o balão branco?
9. Fazer uma roda e pedir que cada participante escolha um colega ou uma colega para viverem juntos a experiência de cuidar e de ser cuidado.
10. Explicar que uma das pessoas da dupla vai ter os olhos vendados e que a outra vai guiá-la pelo mundo, cuidadosamente, mostrando caminhos, texturas, odores. Ressaltar que quem cuida olha, fica atento para atender às necessidades do outro; quem é cuidado se entrega e confia.
11. Dizer que será colocada uma música e que, enquanto ela estiver tocando, a dupla deve caminhar, explorando o espaço disponível. Quando a música terminar, o "guia" deve tirar a venda de seu par e voltar com ele ao centro da sala.
12. Repetir a atividade, trocando os papéis dentro da dupla.
13. Terminada a vivência, solicitar que o grupo compartilhe sentimentos e percepções, como se sentiu, se foi difícil confiar, se sentiu medo, se foi difícil cuidar, etc.

Sugestões para reflexão:

- Podemos cuidar sozinhos de muitas coisas, mas existem coisas que só podem ser cuidadas por todos, coletivamente. Você concorda com essa afirmativa? Explique.
- Você acha que os meninos e as meninas são educados igualmente para cuidar? Explique.

OFICINA 9

● **Cuidar da vida** (Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Relacionar paternidade e maternidade à capacidade de cuidar altruisticamente de outras pessoas.
- Compreender como as diferenças de gênero afetam a forma de cuidar e os objetos dos cuidados.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Selecionar previamente fotos que representem pessoas, plantas, animais, objetos, ambientes (rios, jardins, ruas, escolas), em situações que exijam diferentes tipos de cuidados. Incluir fotos que representem pessoas que necessitam de cuidados especiais (por exemplo, um bebê recém-nascido; um cachorro machucado, uma pessoa idosa, um jovem numa cadeira de rodas, etc.)
2. Colocar as gravuras em um envelope e solicitar que cada participante retire uma, aleatoriamente.

3. Incentivar cada participante a imaginar que o que está representado na gravura realmente existe.
4. Dizer que cada um agora é responsável por cuidar de “seu ser” e solicitar que encene para o grupo como cuidaria dele.
5. Apresentar duas caixas e dizer que o ser representado na foto será dado a um homem ou a uma mulher. Pedir que cada participante coloque a figura na caixa que corresponde à situação em que o ser representado seria mais bem cuidado.
6. Solicitar que todos falem de “seu ser” e compartilhem no grupo percepções, sentimentos e ideias.

Sugestões para reflexão:

- O que você imaginou em relação ao seu ser?
- De que tipos de cuidado ele precisou?
- Que cuidado você representou na mímica?
- Foi fácil cuidar?
- É mais fácil cuidar de quê? Explique.
- É mais difícil cuidar de quê? Explique.
- O que aconteceria se o ser representado na figura não recebesse cuidados?
- Que imagens foram colocadas na caixa dos homens? E na caixa das mulheres?
- Algum tipo de imagem foi colocado com mais frequência na caixa do homem ou na caixa da mulher? Por que será?
- Homens e mulheres cuidam do mesmo modo e das mesmas coisas? Por que será?
- Os homens e as mulheres cuidam igualmente de si mesmos? Explique.
- Em uma família, de quem é a responsabilidade de cuidar da casa? E dos filhos?

OFICINA 10

● **Identidade sexual e orientação do desejo**

(Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Compreender a diferença entre identidade sexual e orientação do desejo.
- Rever estereótipos e preconceitos, especialmente em relação aos papéis de gênero e à orientação do desejo.
- Compreender o que se entende por homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e transexualidade.

Duração: 1:30 horas



Desenvolvimento:

1. Propor ao grupo a vivência de uma situação de discriminação.
2. Explicar que cada participante receberá na testa uma etiqueta adesiva com uma palavra que represente um rótulo discriminatório que circula na sociedade. Dar um exemplo para que o grupo compreenda do que se trata.

Sugestões de rótulos: negão, bicha, boiola, sapatão, loira burra, galinha, vagabundo, puta, boazuda, solteirona, filho único, filha única, pivete, caipira, favelado, mãe solteira, viciado, filhinho de papai, beata, menino de rua, bobão, etc.

3. Deixar que a discussão se prolongue por tempo suficiente para que as pessoas sintam o efeito do rótulo ou até deduzam que rótulo receberam.

4. Solicitar que todos retirem os rótulos e abrir espaço para que os participantes expressem o que sentiram e perceberam.

5. Explicar, com o apoio de cartazes, o sentido dos termos estereótipo, preconceito e discriminação.

6. Fazer uma exposição breve sobre o tratamento que a homossexualidade recebeu ao longo dos tempos: primeiro, foi considerada pecado pela religião; depois, quando a sexualidade passou a ser controlada pela ciência, em especial pela medicina, passou a ser vista como doença, anormalidade e, por fim, na década de 1970, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da classificação das enfermidades. Apesar dessa mudança, existem muitos preconceitos em relação às pessoas que têm orientação homossexual ou bissexual.

7. Esclarecer também o significado dos vários termos relacionados às identidades de gênero: transexualidade (fenômeno de formação da identidade, que leva a pessoa de um sexo biológico a se sentir como do outro e a desejar apagar no próprio corpo os sinais do sexo biológico); hermafroditismo (fenômeno biológico, que determina a coexistência de características anatômicas dos dois sexos em um mesmo indivíduo por razões genéticas); travestismo (prazer em se vestir e comportar de acordo com os modelos estabelecidos para o sexo que não lhe é próprio do ponto de vista biológico); drag queens e drag kings ou transformistas, que parodiam atualmente o estereótipo do gênero com intenções artísticas.

8. Ressaltar que nem todo homem homossexual tem traços femininos e nem toda mulher homossexual tem traços masculinos. Por outro lado, esclarecer que existem rapazes heterossexuais que são meigos e sensíveis, características consideradas femininas, e moças heterossexuais que são agressivas e decididas, características consideradas masculinas. Enfatizar que os papéis de gênero (atividades profissionais, comportamentos, atitudes) são construídos socialmente.

9. Convidar os participantes a trazer as discussões para o plano pessoal e cotidiano, respondendo e compartilhando com o grupo a sua resposta para a seguinte pergunta: Você já se sentiu agredido (agressão física, crítica verbal, exposição ao ridículo, tratamento não igualitário, exclusão silenciosa) por causa de alguma característica pessoal? Compartilhe no

grupo o que aconteceu, como, onde, por quê e como você reagiu. Explique também como gostaria de ter sido tratado na situação.

10. Explicar que mudar de atitude e comportamento não é fácil, mesmo quando já sabemos nossa maneira de sentir, pensar e agir não é adequada ou justa. Dizer que uma forma de mudar a nós mesmos é ouvir os outros, pensar coletivamente em alternativas de transformação, a começar no “nosso próprio quintal”.

11. Propor que os participantes identifiquem comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias que eles mesmos adotam na convivência do dia-a-dia, dentro e fora do grupo.

Sugestões para reflexão:

- Para você, o que significa ser normal, em relação à sexualidade? Com que critério se define a normalidade?
- Você acha que as pessoas têm direito de ser elas mesmas, de viver de acordo com suas próprias inclinações sexuais? Há algum limite para isso? Que comportamentos sexuais você considera inadmissíveis?
- O objetivo da educação sexual é promover a vivência de uma sexualidade que favoreça e proteja a vida, seja livre de culpa no plano pessoal e livre de opressão no plano social. O que significa para você essa afirmativa? Você concorda com ela?
- Muitas vezes, a avaliação moral das mulheres se reduz ao julgamento de seu comportamento sexual. Você acha que isso de fato acontece? Acha que deveria ser diferente? Por quê?

OFICINA 11

● **Métodos contraceptivos** (Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Saber o que são métodos anticoncepcionais.
- Identificar os métodos anticoncepcionais disponíveis.
- Conhecer o modo correto de usar os diferentes métodos anticoncepcionais e os cuidados necessários.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Escrever no quadro o título *Métodos Anticoncepcionais*.
2. Solicitar que os participantes listem, abaixo do título, os nomes dos métodos que conhecem.
3. Distribuir tiras de papel e solicitar que os participantes registrem perguntas sobre o que gostariam de saber sobre os métodos e as coloquem na "Caixinha de Grilos".

4. Explicar que, depois das explicações gerais sobre os métodos, serão lidas as perguntas da “Caixinha de Grilos” para verificar se alguma delas ainda ficou sem resposta.
5. Estimular os participantes a dizerem o que entendem por método anticonceptivo.
6. Retificar, ratificar ou complementar as informações, completando a lista feita no painel, caso ela esteja incompleta, e classificando os métodos anticonceptivos (métodos de barreira, comportamentais, hormonais, dispositivos intra-uterinos e métodos cirúrgicos).
7. Usar desenhos dos órgãos reprodutores para mostrar como atuam os diferentes tipos de métodos.
8. Apresentar os métodos um a um, mostrando em desenhos e modelos tridimensionais como devem ser usados, os cuidados necessários, a eficácia no uso correto. Levar amostras dos vários métodos para que os participantes possam manipulá-los e se familiarizar com eles.
9. Demonstrar, usando modelos tridimensionais (pênis e pélvis), se disponíveis, como são colocadas as camisinhas masculina e feminina.
10. Ao final da exposição, abrir a “Caixinha de Grilos”, ler as perguntas e, se necessário, responder àquelas que não tiverem sido respondidas com as explicações anteriores.
11. Dar oportunidade para que o grupo tire outras dúvidas que, eventualmente, tenham surgido durante a exposição.

OFICINA 12

● **Passa para frente o que você sabe** (Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Conhecer o modo correto de usar os diferentes métodos anticoncepcionais e os cuidados necessários.

- Reconhecer como direito de todos o acesso à informação, à escolha e ao uso de métodos anticoncepcionais.

Duração: 1:30 horas



Desenvolvimento:

1. Dividir os(as) estudantes em quatro grupos, distribuir textos explicativos sobre os métodos anticoncepcionais e amostras desses métodos, e solicitar que cada grupo se prepare para apresentar um ou alguns dos métodos de acordo com as técnicas abaixo.

• **Grupo 1** – Você é um Agente de Saúde e foi convidado para ir a um programa de entrevistas na televisão para esclarecer o público sobre o **DIU** e os **métodos cirúrgicos de anticoncepção**. Trata-se de um programa ao vivo e, além do apresentador, o público (serão os adolescentes dos demais

grupos) poderá fazer perguntas sobre os métodos.

• **Grupo 2** – Você é representante de um laboratório que produz **diafragmas, espermicidas** e métodos contraceptivos hormonais. Prepare um cartaz explicativo sobre seus produtos e apresente-o para seus colegas.

• **Grupo 3** – Em sua escola você é encarregado de promover um bate-papo com adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. Esta semana o tema deste bate-papo será a **tabelinha**, o **Billings** e a **temperatura basal**. Prepare-se para conduzir esse bate-papo.

• **Grupo 4** – Você foi convidado para promover um debate sobre o **coito interrompido** e os **preservativos** ou **camisinhas** (masculina e feminina). Prepare uma introdução para o debate, explicando as características de cada método.

2. Esclarecer que cada grupo deverá incluir na apresentação informações sobre

- a. o que é o método e como impede a gravidez;
- b. como se usa;
- c. acompanhamentos necessários;
- d. eficácia no uso correto e no uso irregular ou incorreto.

3. Organizar as apresentações dos grupos, deixando tempo depois de cada uma delas para que dúvidas e equívocos sejam esclarecidos pelos espectadores ou pelo facilitador, quando ninguém do grupo puder fazê-lo.

4. Fazer uma exposição breve sobre os direitos sexuais e reprodutivos, mostrando que, dentre esses direitos, está o de escolher se queremos ter filhos, quantos filhos queremos ter e quando. Por isso, o acesso à informação e aos métodos tem de ser assegurado a todos, inclusive aos adolescentes.

5. Levar o grupo a perceber que deve fazer parte do conhecimento a compreensão dos cuidados a serem tomados em relação a cada método.

Sugestões para reflexão:

- Que fatores podem facilitar o uso de métodos anticoncepcionais pelos (as) adolescentes?
- E que fatores podem dificultar o uso desses métodos?
- Que serviços a Unidade de Saúde Pública de seu bairro oferece aos adolescentes em relação à anticoncepção?

OFICINA 13

● **Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST** (Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Compreender como se dá a transmissão das ISTs e do HIV.
- Corrigir e ampliar informações sobre as ISTs e a Aids.
- Refletir sobre a importância de negociar com o(a) parceiro(a) o uso do preservativo.
- Dispor-se a adotar práticas de sexo protegido.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Convidar o grupo a participar de uma atividade de aquecimento e integração.
2. Distribuir cartões com desenhos de figuras geométricas, considerando para cada conjunto de dez participantes a seguinte proporção:

- a. 1 com o desenho de um triângulo;
 - b. 2 com desenhos de pequenos quadrados;
 - c. 7 com desenhos de círculos;
 - d. 2 com desenhos de pequenos quadrados;
 - e. 7 com desenhos de círculos.
 - f. 3 com desenhos de círculos e estrelas.
3. Entregar aleatoriamente a um dos participantes um cartão com a instrução: Não participe. Permaneça sentado até o final da atividade.
4. Explicar que será colocada uma música e que todos dançarão livremente pela sala, integrando-se à vontade com os colegas e que, sempre que a música parar, cada um deverá copiar rapidamente em seu cartão o desenho original dos (as) colegas mais próximos(as). Assim que a música reiniciar, todos voltarão a dançar.
5. Os desenhos têm os significados a seguir, o que não deve ser revelado aos participantes até o final da atividade.
- a. Círculo = pessoa sadia
 - b. Quadrado = portador de IST
 - c. Triângulo = portador de HIV
 - d. Estrela = camisinha
6. Repetir o processo de interromper e reiniciar a música pelo menos 4 vezes.
7. Solicitar que todos os participantes se assentem em círculo, perguntar-lhes se têm ideia do significado das figuras e pedir que observem quantas figuras têm nesse momento em seu cartão.
8. Pedir que se levantem todas as pessoas que tiverem triângulos desenhados em seus cartões. Revelar o significado do triângulo. Fazer o mesmo com relação aos que têm quadrados. Revelar o significado da estrela e pedir que se assentem aqueles cujo cartão tinha originalmente o círculo e a estrela. Explicar que esses, por terem usado a camisinha, não contraíram nenhuma doença sexualmente transmissível. Pedir que se manifeste também quem recebeu o cartão com a frase com a indicação de que deveria permanecer sentado.

Sugestões para reflexão:

- Como se sentiu quem recebeu o comando de ficar fora da brincadeira?
- E os outros, como se comportaram em relação a essa pessoa?

- Quando ficaram sabendo o significado do triângulo, como se sentiram as pessoas que tinham no cartão inicial esse desenho?
- Como as outras pessoas se sentiram em relação às pessoas que tinham o triângulo?
- As pessoas que tinham triângulos não sabiam que estavam contaminadas. Como poderiam saber?
- Qual foi o sentimento experimentado quando ficaram sabendo que a estrela significava uso do preservativo?
- Quantos participantes começaram o jogo com círculos?
- Quantos terminaram sem triângulo e sem quadrado?
- O que significa ter mais de um quadrado ou mais de um triângulo no cartão?
- Como se dá a rede de transmissão sexual do HIV e das ISTs?
- É possível saber, pela aparência, quem é portador de IST ou de HIV?
- Como fazer para se proteger da transmissão sexual?
- O que posso fazer para me tornar menos vulnerável às ISTs e à Aids?
- ♦ Explicar ao grupo que, sendo o preservativo a forma mais importante de praticar sexo protegido, então temos de saber que cuidados tomar antes, na hora e depois de usá-lo, especialmente o preservativo masculino.
- ♦ Conversar com o grupo sobre os cuidados ao comprar o preservativo (escolher produto com garantia de qualidade do Inmetro, que esteja dentro do prazo de validade e seja de tamanho adequado) e ao guardar o preservativo (não deixá-lo em lugar onde sofra atrito, que seja muito quente).

CAPÍTULO 6

A temática não se
esgota por aqui...



"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre."

Paulo Freire

CAPÍTULO 6

A temática não se esgota por aqui...

A gravidez na adolescência foi o recorte proposto neste e-book, porém, são muitos os assuntos envolvidos na educação sexual, por isso, com o intuito de contribuir para o enriquecimento da temática, são propostas fontes com informações que possibilitem ampliar os conhecimentos sobre o assunto e facilitar o diálogo com os (as) estudantes.



LIVROS:

- ▶ CATHARINO, T. R. **Da gestão dos riscos à invenção do futuro**: Um outro olhar sobre a gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- ▶ LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- ▶ NUNES, C.; SILVA, E. **Sexualidade(s) Adolescente(s)**. Florianópolis: SOPHOS, 2001.
- ▶ SARAN, R.C.B.; LEITE, C.R.V.S. **Sexualidade do adolescente na voz do professor do Ensino Médio**: Uma abordagem Foucaultiana. Curitiba: Editora Crv, 2014.
- ▶ VASCONCELOS, C. **Sexualidade**: Um Guia de Viagem Para Adolescentes. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2002.

GUIAS PRÁTICOS

Departamento Científico de Adolescência – Sociedade Brasileira de Pediatria SBP

- ▶ Abstinência sexual na Adolescência: o que a ciência evidencia como método de escolha para prevenção de gravidez na adolescência. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22302c-DocClient - Abstinencia sexual na Adolesc.pdf
- ▶ Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21188b-GPA - Infec Sexual Transmiss Adolesc.pdf
- ▶ Prevenção da gravidez na adolescência. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Adolescencia - 21621c-GPA - Prevencao Gravidez Adolescencia.pdf

DOCUMENTOS ACADÊMICOS

- ▶ LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>.
- ▶ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, n. 46, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46.pdf>.
- ▶ MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em Revista*, n. 46, p. 219-239, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a09n46.pdf>.
- ▶ POCAHY, Fernando Alair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, p. 45-66, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a04v15n1.pdf>.
- ▶ ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. *Cadernos de Pesquisas*, v. 39, n. 137, p. 489-519, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a09.pdf>.
- ▶ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>.

SITES:

- ▶ <https://www.sbp.com.br/especiais/prevencaonagravidez/>
- ▶ http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=42
- ▶ <http://www.abc.med.br/p/gravidez/336034/a+gravidez+desejada+e+a+nao+desejada.htm>
- ▶ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120627_gravidez_savethechildren_dg
- ▶ <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/>

FILMES

► A cor púrpura

Direção: Steven Spielberg

Sinopse: Geórgia, 1909. Em uma pequena cidade Celie (Whoopi Goldberg), uma jovem com apenas 14 anos que foi violentada pelo pai, se torna mãe de duas crianças. Além de perder a capacidade de procriar, Celie imediatamente é separada dos filhos. Celie fica muito solitária e compartilha sua tristeza em cartas (a única forma de manter a sanidade em um mundo onde poucos a ouvem), primeiramente com Deus e depois com a irmã Nettie (Akosua Busia), missionária na África.

Título Original: The Color Purple. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 156 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1985.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/cor-purpura/copurpura.asp#Sinopse>

► Cidade dos homens

Direção: Paulo Morelli

Sinopse: Laranjinha (Darlan Cunha) e Acerola (Douglas Silva) são amigos que cresceram juntos em uma favela do Rio de Janeiro e agora estão com 18 anos. Acerola tem um filho de 2 anos para cuidar, mas sente-se preso pelo casamento e lamenta a paternidade precoce. Já Laranjinha está decidido a encontrar seu próprio pai, que não conhece. Paralelamente o morro em que vivem é sacudido pelo mundo do tráfico, já que Madrugação (Jonathan Haagensen), primo de Laranjinha, perdeu o posto de dono do local para Nefasto (Eduardo BR). Título Original: Cidade dos Homens. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 110 minutos. Ano de Lançamento (Brasil): 2007. Site Oficial: www.cidadedoshomens.com.br

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/cidade-dos-homens/cidade-doshomens.asp#Sinopse>

► Kids

Direção: Larry Clark

Sinopse: Nova York serve de cenário para mostrar o conturbado mundo dos adolescentes, que indiscriminadamente consomem drogas e quase nunca praticam sexo seguro. Um garoto, que deseja só transar com virgens, e uma jovem, que só teve um parceiro mas é HIV soropositivo, servem de base para tramas paralelas, que mostram como um adolescente pode prejudicar seriamente sua vida se não estiver bem orientado.

Título Original: Kids. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 96 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1995.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/kids/kids.asp#Sinopse>

► **Juno**

Direção: Jason Reitman

Sinopse: Juno MacGuff (Ellen Page) é uma jovem de 16 anos que acidentalmente engravidou de Paulie Bleeker (Michael Cera), um grande amigo com quem transou apenas uma vez. Inicialmente ela decide fazer um aborto, mas ao chegar na clínica muda de ideia. Junto com sua amiga Leah (Olivia Thirlby) ela passa a procurar em jornais um casal a quem possa entregar o bebê assim que ele nascer, já que não se considera em condições de criá-lo. É assim que conhece Vanessa (Jennifer Garner) e Mark (Jason Bateman), um casal com boas condições financeiras que está disposto a bancar todas as despesas médicas de Juno, além de dar-lhe uma compensação financeira caso ela queira. Juno recusa o dinheiro para si, mas decide que Vanessa e Mark ficarão com seu filho.

Gênero: Comédia, drama. Tempo de duração: 91 minutos. Ano de produção: 2007. Paris Filmes.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-121167/>

► **Minha vida em cor de rosa**

Direção: Alain Berliner

Sinopse: O filho de um funcionário de classe média, Ludovic, aparece na primeira festa para os vizinhos vestido de mulher. O que parecia uma brincadeira torna-se um problema na família, no trabalho e com os vizinhos. Mas Ludovic, com ingenuidade de criança, confessa que quer ser menina.

Ano de Lançamento (Bélgica/França): 1997. Título Original: Ma Vie en Rose.

Fonte: <http://www.escutaanalitica.com.br/cursos/cinedebate.htm>

► **O Que Esperar Quando Você Está Esperando**

Direção: Kirk Jones

Sinopse: Holly (Jennifer Lopez) é uma fotógrafa casada com Alex (Rodrigo Santoro) e quer muito adotar uma criança. Ele concorda com a ideia, mas a proximidade de receber o bebê faz com que tenha dúvidas se está preparado para a tarefa de ser pai. Wendy (Elizabeth Banks) sempre sonhou com a gestação e, após dois anos de tentativas, enfim está grávida. Entretanto, ela e o marido Gary (Ben Falcone) precisam lidar com a rivalidade do pai dele, Ramsey (Dennis Quaid), que está esperando gêmeos com a jovem Skyler (Brooklyn Decker).

Título original: What To Expect When You're Expecting. Gênero: Comédia romântica. Tempo de duração: 110 minutos.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-193517/>

► Os Garotos da Minha Vida

Direção: Penny Marshal

Sinopse: Nos anos 60, Beverly D'Onofrio (Drew Barrymore) é uma garota que vive em uma cidade do interior dos Estados Unidos e sonha em chegar à universidade e tornar-se uma escritora. Porém, seus planos são subitamente interrompidos quando, aos 15 anos, ela fica grávida de Ray Murphy (Steve Zahn), um motoqueiro que conheceu há apenas poucas semanas. Com medo de que sua filha se tornasse mãe solteira, os pais de Beverly a obrigam a se casar com Ray e abandonar os estudos para cuidar da criança. Mas Beverly não desiste de seu sonho e, após enfrentar alguns obstáculos, busca enfim realizá-lo.

Título original: Riding in cars with boys. Gênero: Comédia dramática. Tempo de duração: 122 minutos. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-28248/>

► Preciosa – Uma História de Esperança

Direção: Lee Daniels

Sinopse: 1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A Sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

Título original - Precious: Based on the Novel 'Push' by Sapphire. Gênero: Drama. Tempo de duração: 109 minutos. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-132242/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação sexual:
Possível?



“É preciso ter esperança,
mas ter esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,
esperançar é construir, esperançar é não desistir!”

Paulo Freire

Educação Sexual: Possível?

Mesmo não sendo uma tarefa fácil, pelos diversos motivos já citados, é fundamental, enquanto educadores (as), que acreditemos na resposta afirmativa para essa questão.

É possível e mais do que isso, é essencial, o desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar.

Prezados colegas professores e prezadas colegas professoras, que jamais percamos nossa capacidade de sonhar e acreditar em dias melhores...

Que jamais deixemos de crer no potencial transformador da educação...

Que sejamos semeadores de amor e que possamos continuar, através de nossa missão, semeando esperança em nossos alunos e alunas.

Ainda que nossa contribuição seja uma gotinha comparada ao oceano... Que acreditemos que essa gotinha unida a uma outra gotinha, e mais uma... E outra... Possa fazer transbordar o copo da nossa humanidade e que juntos possamos construir um mundo mais fraterno e justo...

Abraços!

Laura Medeiros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 abr. 2019.
2. UNFPA. **Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência**. New York: UNFPA [arquivo na internet]. 2013. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2013.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.
3. ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cad. Pagu**. Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019
4. MAGNABOSCO, L.; LORSCHIEDER, C. A. A prevenção da Gravidez Aliada ao Ensino de Biologia no Ensino Médio. In.: PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Dia a dia educação: Portal Educacional do Estado do Paraná**, Curitiba, 2016, p.01-19. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_bio_unespar-uniadavitoria_luziamagnabosco.pdf. Acesso em 13 jan. 2019.
5. SANTOS, W. B. et al. Educação Sexual como parte curricular da disciplina de Biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafios. **Experiências em Ensino de Ciências**. Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 7-18, 2011. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_JD143/v6_n2_a2011.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.
6. MAZZA, V. A.; MELO, N. S. F. O.; CHIESA, A. M. Grupo focal como técnica de coleta de dados de pesquisa qualitativa: Relatório de experiência. **Cogitare Enfermagem**. Curitiba, v. 14, n. 3, p. 183-188, Jan./ Mar. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/14486>. Acesso em: 10 Mar. 2019.
7. DAYRELL, J. (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
8. BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

9. OPAS. Organización Panamericana de la Salud. **La salud del adolescente y el joven en las Américas**. Washington, D.C., 1985.
10. CATHARINO, T. R. **Da gestão dos riscos à invenção do futuro**: Um outro olhar sobre a gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
11. DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
12. ANTOS, B. R. et al. **Gravidez na adolescência no Brasil**: Vozes de Meninas e de Especialistas. Brasília: INDICA, 2017. Disponível em: http://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/br_gravidez_adolescencia_2017.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.
13. WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 35–82.
14. LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, Campinas, v. 19, n. 2, mai. -ago. 2008.
15. MONTEIRO, S. A. S.; RIBEIRO, P. R. N. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Bahia, v. 1, p. 1-24, 2020.
16. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
17. BRASIL. Ministério de Educação, Secretaria de Ensino Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
18. BASTAGINI, G. M. P.; SOUZA, L. C.; TEIXEIRA, L. C. Educação em sexualidades e a gravidez na educação escolar. **Revista Tópicos Educacionais**, Recife, v. 26, n.1, p. 165-182, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
19. FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17 ed. 1987.
20. JESUS, L. C.; OLIVEIRA, S.S. Educação Sexual: a escola vista como um ambiente de discussão e reflexão sobre a sexualidade. In.: PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Dia a dia educação: Portal Educacional** do Estado do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernosde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uef_cien_artigo_luciana_cirino_de_jesus.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.

21. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de Educação Afetivo - Sexual - PEAS**. Guia de Estudo nº2. Belo Horizonte: 2007.
22. DADOORIAN, D. **Um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**: Pronta para voar. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
23. BASTOS, G., Duarte. **Biologia no Ensino Médio**: Diferentes Abordagens Metodológicas para Adequar o Conhecimento ao Cotidiano – Enfoque sobre a Gravidez na Adolescência. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, 2015.
24. FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, jan. – dez. 2019. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.5712/rbmf.14\(41\)1788](http://dx.doi.org/10.5712/rbmf.14(41)1788). Acesso em: 20 abr. 2020.
25. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de Educação Afetivo - Sexual - PEAS**. Guia de Oficinas. Belo Horizonte: 2005.
26. SILVA, V. M.; SANTOS, M. C. F. **Oficinas pedagógicas: discutindo gênero e diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: CAP/UERJ, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430783/2/Oficinas%20Pedagogicas%20-%20Discutindo%20genero%20e%20diversidade%20sexual>. Acesso em: 20 abr. 2020.
27. ROCHA, R. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. Col. Toda criança do mundo. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.
28. MARQUINI, M. L. **Atividades de sexualidade na escola para o aperfeiçoamento da cidadania dos alunos**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Londrina, 2007, v. 1. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_uel_cien_artigo_maria_de_lourdes_marquini.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.
29. MENINAS; Direção: Sandra Werneck. Produção de Sandra Werneck. Rio de Janeiro: Cineluz, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZlebR6hrgM>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

O (a) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE BIOLOGIA E PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MANHUMIRIM - MG. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a fragilidade percebida na educação sexual desenvolvida em nossas escolas e uma preocupação crescente com relação à sexualidade adolescente em vários setores da sociedade, essa preocupação fundamenta-se, entre outras questões, no elevado número de casos de gravidez na adolescência. Nesta pesquisa pretendemos analisar como estudantes do ensino médio da Escola Estadual Alfredo Lima na cidade de Manhumirim - MG avaliam a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

Caso você concorde na participação do menor, ele participará de dois encontros de Grupo Focal realizados na Escola Estadual Alfredo Lima. O grupo focal é uma técnica que propõe a interação entre os participantes, a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos. Em cada encontro, serão discutidas questões relativas às concepções dos estudantes sobre a gravidez na adolescência e ações de educação sexual empreendidas no contexto do ensino de Biologia. As sessões serão filmadas para registrar as falas dos participantes e captar a interação do grupo. Esta pesquisa apresenta risco de nível mínimo, podendo acarretar ao estudante constrangimento ao abordar o tema proposto, durante e depois da realização dos grupos focais, sobretudo por tratar-se de um grupo de conhecidos, mas, a fim de minimizar esses riscos, durante a realização dos grupos focais, a equipe de pesquisa estará atenta a declarações que possam gerar constrangimentos ou significarem a expressão de críticas ou preconceitos direcionados aos colegas participantes. As pesquisadoras estarão à disposição da escola e das famílias pelo período de 60 dias após a realização dos grupos focais

para prestar esclarecimentos ou providenciar junto aos profissionais da escola ou à rede de saúde municipal, acompanhamento profissional pedagógico ou psicológico, quando necessário.

A realização da pesquisa, ao propiciar a compreensão da visão dos estudantes sobre a educação sexual no ensino de Biologia, poderá trazer benefícios para os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos na escola, bem como ajudar na visibilidade e facilitação da discussão do tema proposto, necessárias para a efetividade das ações de prevenção da gravidez na adolescência, entre os estudantes participantes da pesquisa e os demais estudantes da escola e entre a equipe pedagógica da escola.

Para participar desta pesquisa, o (a) menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a indenização.

Ele (a) terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele (a) é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O (a) menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Manhumirim, ____ de _____ 2020

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora Responsável: Laura Telles Medeiros

Fone: (33) 3341- 3028

E-mail: laurarct@hotmail.com

PROFBIO - Campus Universitário da UFJF em Governador Valadares

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE BIOLOGIA E PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MANHUMIRIM-MG. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a fragilidade percebida na educação sexual desenvolvida em nossas escolas e uma preocupação crescente com relação à sexualidade adolescente em vários setores da sociedade, essa preocupação fundamenta-se, entre outras questões, no elevado número de casos de gravidez na adolescência. Nesta pesquisa pretendemos analisar como estudantes do ensino médio da Escola Estadual Alfredo Lima na cidade de Manhumirim - MG avaliam a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

Caso você concorde em participar, serão realizados dois encontros de Grupo Focal na Escola Estadual Alfredo Lima. O grupo focal é uma técnica que propõe a interação entre os participantes, a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos. Em cada encontro, serão discutidas questões relativas às concepções dos estudantes sobre a gravidez na adolescência e ações de educação sexual empreendidas no contexto do ensino de Biologia. As sessões serão filmadas para registrar as falas dos participantes e captar a interação do grupo. Esta pesquisa apresenta risco de nível mínimo, podendo acarretar ao estudante constrangimento ao abordar o tema proposto, durante e depois da realização dos grupos focais, sobretudo por tratar-se de um grupo de conhecidos, mas, a fim de minimizar esses riscos, durante a realização dos grupos focais, a equipe de pesquisa estará atenta a declarações que possam gerar constrangimentos ou significarem a expressão de críticas ou preconceitos direcionados aos colegas participantes. As pesquisadoras estarão à disposição da escola e das famílias pelo período de 60 dias após a realização dos grupos focais para prestar esclarecimentos ou providenciar junto aos

profissionais da escola ou à rede de saúde municipal, acompanhamento profissional pedagógico ou psicológico, quando necessário. A realização da pesquisa, ao propiciar a compreensão da visão dos estudantes sobre a educação sexual no ensino de Biologia, poderá trazer benefícios para os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos na escola, bem como ajudar na visibilidade e facilitação da discussão do tema proposto, necessárias para a efetividade das ações de prevenção da gravidez na adolescência, entre os estudantes participantes da pesquisa e os demais estudantes da escola e entre a equipe pedagógica da escola.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Manhumirim, ____ de _____ 2020

Assinatura do (a) menor

Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora Responsável: Laura Telles Medeiros

Fone: (33) 3341- 3028

E-mail: laurarct@hotmail.com

PROFBIO - Campus Universitário da UFJF em Governador Valadares

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@uff.edu.br

ANEXO C – Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE BIOLOGIA E PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MANHUMIRIM-MG.

Pesquisador: LAURA TELLES MEDEIROS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 18587219.7.0000.5147

Instituição Proponente: Campus Avançado Governador Valadares -UFJF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.777.445

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 468/12 de 2012, item III.

Objetivo da Pesquisa:

Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delineados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 468/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N		CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO		
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA	
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788	E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG



Continuação do Parecer: 3.777.445

resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPEs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: abril de 2020.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

Fax: (32)1102-3788

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 3.777.445

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1340907.pdf	15/12/2019 20:07:56		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPLATAFORMABRASILRevisado.docx	15/12/2019 20:03:25	LAURA TELLES MEDEIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.doc	02/11/2019 20:34:16	LAURA TELLES MEDEIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEREvisado.docx	02/11/2019 20:18:38	LAURA TELLES MEDEIROS	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto1.pdf	05/08/2019 20:08:50	LAURA TELLES MEDEIROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Escola.pdf	19/06/2019 19:53:01	LAURA TELLES MEDEIROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 17 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENÇO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

